

# Memórias



*que marcaram a história  
de Piumhi*

Jornal Alto São Francisco  
15/01/2023 à 25/06/2022







# Sumário

Dos antigos mensageiros à Cia. Telefônica de Piumhi ..... 4

Julho de 1942: com raro brilho aconteceu a festa de inauguração: o aero-club de Piumhy ..... 5

Fundado em 1942 para realizar o programa de ‘dar asas ao Brasil’: o aero-club de Piumhy ..... 6

Piumhi muito deve a esse notável Mestre: João Machado ..... 7

Um ícone da Medicina voltada para o mais carente em Piumhi: dr. Moacyr Lopes ..... 8

Piumhi no tempo dos antigos carnavais ..... 9

Um ícone da Medicina e da vida política na Piumhi do século 20: dr. Oswaldo Soares Machado (I) ..... 10

Um grande líder, pelos seus exemplos e pelo seu trabalho: dr. Oswaldo Soares Machado (II) ..... 11

Nô do Benil: uma vida de fé, caridade, família e trabalho: Eudoro da Costa Lima (I) ..... 12

‘Um dos melhores confrades em toda história da SSVP em Piumhi’: Eudoro da Costa Lima (II) .... 13

Breve história da Escola Estadual Professor João Menezes ..... 14

Legislativo atinge 182 anos de criação neste sábado, 1º: breve histórico da Câmara Municipal de Piumhi ..... 15

O ‘tocador de obras’ que colocou a máquina da PMP a rodar nos trilhos: Tenente Álvaro Moreira da Silva (I) ..... 16

PTC Campestre: um dos muitos legados do ‘Tocador de Obras’: Tenente Álvaro Moreira da Silva (II) ..... 17

Tiradentes: de traidor da Coroa a herói da república: Joaquim José da Silva Xavier ..... 18

‘E assim fui morrendo aos poucos’, revela em carta: carta revela perfil sentimental do Padre Alberico (I) ..... 19

As últimas confidências: carta revela perfil sentimental do Padre Alberico (II) ..... 20

Aurora da Cunha: 84 anos de muito amor, fé e resignação ..... 21

O 13 de Maio e o fim da escravidão em Piumhi ..... 22

Rotary Club de Piumhi: 55 anos de fundação ..... 23

João Sabino da Paixão: peão de burros, tropeiro, barqueiro no São Francisco, três casamentos e quatorze filhos ..... 24

Dª Maria Serafina de Freitas (I): professora, diretora, inspetora escolar e autora do método de alfabetização “Circo do Carequinha’ ..... 25

Professora, diretora, inspetora escolar e autora do método de alfabetização “Circo do Carequinha’: Dª Maria Serafina de Freitas (II) ..... 26



# Dos antigos mensageiros à Cia. Telefônica de Piumhi

ACERVO DO AUTOR



O presidente da CTP, João Gatti, assina o convênio de adesão da companhia à TELEMIG em setembro de 1974

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

No mundo contemporâneo a comunicação estreitou as fronteiras e a rede mundial de computadores faz um acontecimento ocorrido nesse instante ser conhecido no mundo inteiro. Nem sempre foi assim, as gerações do mundo moderno desconhecem os passos iniciais da comunicação. No princípio a informação somente ocorria por meio de cartas através dos “mensageiros” contratados para essa finalidade. Depois de algum tempo surgiram as “linhas do Correio”, a primeira de Piumhi que se tem notícia ocorreu em 7 de janeiro 1870 com a autorização à Agência de Correios de Formiga para expedir correspondência para a cidade de 5 em 5 dias e não mais de 10 e 10 dias como ocorria. Comunicava ainda que “a Agência de Piumhi é Central da linha reta e não ramal de Piumhi-Passos-Jacuf”, conforme depreendemos dos ensinamentos do saudoso Oscar Alves Rocha. Depois surgiu o telégrafo cuja utilização por aqui ainda não tivemos notícias nos registros históricos.

Mais uma evolução e chegaram os telefones. A primeira iniciativa de instalação de uma companhia telefônica em Piumhi foi do Coronel João Lourenço Belo Por fim os telefones. O sistema telefônico do Coronel interligava todas as fazendas vizinhas, o arraial de Capitólio, os distritos de Capetinga, Araújos, Guapé, a sede do município Piumhi, cidade de Formiga e posteriormente Passos. Tratava-se de uma gigantesca inovação para a região, sendo a sede da instituição em Capitólio, tendo funcionado durante os anos de 1920 a 1926.

Todos os custos com circuitos, postes, cabos e operadores eram custeados pelo Coronel que não se importava com lucro, mas em promover o desenvolvimento regional e o telefone era grande colaborador pois encurtava as distâncias numa época em que carros também eram raridades. O redator do

Alto S. Francisco numa edição da década de 1920 destacou o espírito empreendedor do Coronel e sua iniciativa: “Devemos a ele o nosso serviço telefônico, que liga não só dois dos nossos distritos, como a cidade de Formiga, e muito em breve, à de Passos. Melhora-mento esse que nos tem prestado relevantes serviços”. O serviço telefônico era administrado por uma empresa denominada “Telefônica Piumhy”. Encerradas as atividades dessa empresa de telecomunicação, Piumhi teve um retrocesso e às vezes era atendida por outras companhias que não ofereciam serviço de qualidade e buscavam apenas auferir lucros sobre os piumhienses.

Em 7 de janeiro de 1961 foi fundada a “Companhia Telefônica de Piumhi”, uma empresa genuinamente piumhiense e que congregava capitais de diversos investidores da cidade. O primeiro presidente da Companhia era o seu maior entusiasta: João Antônio Gatti. Os investimentos foram tantos que possibilitaram o oferecimento de um serviço de qualidade. No ano seguinte, isto é, 1962, em 22 de julho foram inaugurados os circuitos urbanos e interurbanos, um privilégio que nem a cidade de Formiga e Divinópolis dispunha naquela época. Gatti dedicou-se de corpo e alma à instituição, pois seu pensamento visionário lhe causava a intuição de que o empreendimento era elementar ao desenvolvimento e progresso de nossa terra, como de fato o foi.

No jornal “Palavra Nova” de 29 de janeiro de 1961, edição nº 1, foi publicado um interessante artigo sobre a fundação da Companhia Telefônica de Piumhi sob o título “O Telefone será instalado no prazo de um ano”. No artigo lê-se: “o plano inicial e proposto comportaria pouco mais de 130 aparelhos, na base de estudos a que procedera a Companhia. Fôra elevada, entretanto, surpreendida com a afluência de interessados a rever aquele plano, para dobrar o número

de aparelhos, todos já vendidos”. Continua descrevendo: “A Companhia Telefônica de Piumhy, que já está juridicamente organizada, cogita de entrar em entendimentos com a municipalidade, no sentido de uma ação conjunta para a confecção dos postes de cimento, dentro da cidade. Concretizada esta ideia, muito lucrará o povo com as duas redes simultâneas de iluminação e telefone, em postes duradouros. É uma oportunidade que não deve ser desprezada porque virá concorrer para a reforma de nossa rede elétrica, com o máximo de economia para a prefeitura”. Conclui o redator daquela folha: “É um melhoramento que já se fazia tardar, prejudicando a sua falta, seriamente, nossas atividades, retardando o progresso. Incorporado de tal maneira à civilização, o telefone é fator de economia em todos os ramos, demonstrando o índice de conforto, bem estar e progresso de uma sociedade harmoniosamente desenvolvida”.

Além de Gatti outros expoentes do progresso piumhiense ocuparam a presidência da Companhia, dentro os quais destacamos o Tabelião Amâncio Cassini Neto.

Em setembro de 1974 a estatal TELEMIG (Telefônica de Minas Gerais) assumiu o controle acionário da Companhia Telefônica de Piumhi. Essa “incorporação” ocorreu em razão do plano do governo nacional em estatizar o setor das Telecomunicações. Nessa ocasião, João Antônio Gatti era o presidente da Companhia e coube a ele assinar o convênio de adesão. Dessa forma, a TELEMIG passou a controlar o sistema telefônico, permanecendo dessa forma até o processo de privatização que ocorreu em 1998 quando a telefonia fixa foi comprada pelo Consórcio TELEMAR liderado pelo grupo Andrade Gutierrez e a TELEMIG CELULAR foi comprada pelo Banco Opportunity.

Fale com o autor:  
professorluismelo@gmail.com



# Julho de 1942: com raro brilho aconteceu a festa de inauguração

ALTO ARQUIVO



Em meados do século passado Piumhi vivia o auge da aviação; na foto o embarque de passageiros no Douglas da Central Aérea primeira empresa a operar na cidade com linhas regulares para o Rio de Janeiro

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

Em rodas de conversas ouço muito os saudosistas dizerem: “Piumhi é terra do já teve. Já teve isso, já teve aquilo, aquilo outro etc. De fato, muitas iniciativas não tiveram o sucesso almejado, embora outras conseguissem alcançar a glória ambicionado. Na década de 1940, apareceu em Piumhi um tal João Coragem, um personagem pouco conhecido e pouco lembrado em nossa história. Aqui, Coragem, fundou em meados de 1942 o “Aero-Clube de Piumhy”.

O aero-clube nasceu da paixão de seu idealizador por aviões. Nas suas muitas andanças, Coragem deve ter frequentado clubes dessa natureza e como havia se ficado em Piumhi decidiu criar aqui o seu próprio clube de aviação.

Pouco sabemos sobre os preparativos para a inauguração do clube, mas uma reportagem no jornal “Folha do Povo”, edição 6 -7, deu informações de como foi pomposa a sua inauguração. Aliás cumpre destacar que esse periódico circulava de quatro em quatro meses, se te intitulava “independente” e tratava-se de um “Jornal de combate em prol do bem coletivo. Sem finalidade lucrativa”. Era impresso na tipografia do ALTO S. FRANCISCO, tinha como redator o professor Orlando Cunha e diretor o próprio João Coragem.

A solenidade de inauguração do “Aero-Clube de Piumhy”, iniciou no sábado, 25 de julho de 1942. A maté-

ria noticiosa inicia da seguinte forma: “Com raro brilho realizou-se a festa da instalação do Aero-Clube local, constituindo a nota elegante da semana finda”. De Pouso Alegre vieram participar das solenidades: Dr. Vasconcelos Costa, prefeito municipal; Oswaldo Marra da Silva, piloto instrutor do Aero-Clube de Pouso Alegre; Djalma Camargos, proprietário do serviço aeronáutico de Pouso Alegre - Belo Horizonte; e onze alunos do Aero-Clube de Pouso Alegre. Partindo da cidade de origem, num avião de carreira, no prazo de uma hora e quinze minutos, baixaram pouso no campo de pouso da Vargem Grande. A comitiva foi recepcionada festivamente por autoridades e “grande massa popular”.

Dentre as autoridades podemos destacar: Juiz de Direito da Comarca, Promotor de Justiça, Tenente Geraldo Joviano dos Santos, Dr. Manoel Hermeto Júnior, Dr. Clovis Couto, Dr. Jair Leite, Dr. Vitrasiano Leonel da Silva, João dos Santos, Antônio Mário dos Santos e o idealizador do “Aero-Clube de Piumhy” João Coragem, acompanhado de sua esposa. Estavam também “o grupo de operárias do Aero local e seu jazz band”. Todos estavam ali naquele local, distante 3 quilômetros de Piumhi, revelando “as mais vivas demonstrações de contentamento”.

O encontro dos visitantes e anfitriões ocorreu com as apresentações necessárias e foram “trocados os cumprimentos de estilo, ao som de magnífico do-

brado pela Lira S. José”. O Dr. Vasconcelos Costa recebeu um ramalhete de flores ofertado pelas operárias do Aero de Piumhi através de Ivone Marques. Em caravana os visitantes seguiram para a cidade, onde foram instalados no Hotel Central destacando que “foi intenso o movimento de automóveis”. O evento mudou a rotina da cidade que “viveu horas incontida alegria, passando as suas ruas a apresentarem desusado movimento de pedestres”.

No domingo, dia 26, “dia marcado para a solenidade de posse, amanheceu cheio de luz, céu azul e uma inquietante curiosidade dominava todos os que se esforçavam pelo brilhantismo da festa”. Após o almoço seguiu o passeio pela Cruz do Monte: “local aprazível a cuja elevação se deve a beleza de um vastíssimo horizonte, tal o que se observa daquele cimo abrangendo uma distância infinda”. Depois de um descanso no hotel Central a comitiva seguiu para o Cine Brasil, onde ocorreu a solenidade de posse da diretoria do “Aero-Clube de Piumhy”. No horário designado “com a mais seleta assistência, já estavam esgotadas as localidades da nossa casa de diversões”. Detalhes da posse, inauguração do campo de pouso, dos discursos, baile e o legado do “Aero-Clube de Piumhy” para a Piumhi de hoje serão tratados na próxima edição.

Fale com o autor:  
professorluismelo@gmail.com



# Fundado em 1942 para realizar o programa de ‘dar asas ao Brasil’

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

Na edição passada vimos os movimentos iniciais da inauguração do “Aero-Clube de Piumhy”, idealizada por João Coragem. Hoje continuaremos dissecando os pormenores daquele que talvez tenha sido um dos acontecimentos mais importantes na Piumhi de 1942.

Em 26 de julho de 1942, no Cine Brasil, estavam as mais graduadas autoridades piumhienses para formalizar a posse da diretoria do “Aero-Clube de Piumhy”, dentre elas o Juiz de Direito da Comarca, Dr. Francisco de Paula Rebelo Horta, que conduziu brilhantemente a sessão. Foi formada a mesa no palco do cinema que estava “decorado com sentido profundamente nacionalista”. Além do Dr. Horta, tomaram parte da mesa Dr. Vasconcelos Costa, prefeito de Pouso Alegre e Dr. Manoel Hermeto Júnior, consultor jurídico do Aero-Clube. Em semicírculo foram assentando os demais membros da instituição que estavam a inaugurar: João Coragem, presidente; Dr. Oscar Soares Machado, vice-presidente; Clóvis Couto, tesoureiro; Osmany Lima, Secretário; Walda Ziti Coragem, Operária; além de Djalma Camargos, Vicente Simões, Orfeu Buti, Jaime Urias de Andrade, Antônio Augusto Júnior e Dr. Vítarsiano Leonel da Silva.

A solenidade foi iniciada com a execução do Hino Nacional, “cantado pelas ‘Operárias’ do Aero Clube com orquestra”. O Dr. Horta concedeu a palavra ao Dr. Manoel Hermeto “brilhante advogado em Piumhy e consultor jurídico do Aero Clube local. SS. em improviso cintilante, dissertou durante longo tempo sobre a evolução do Brasil, dividindo-a em três ciclos: o da atividade litorânea, das bandeiras no interior e o da aviação, fase culminante da nossa formação como potência internacional. Prolongados aplausos cobriu as suas últimas palavras”.

Em seguida falou a normalista Zilda Zite Coragem “Operária do Aero Clube Local, filha diletta do Sr. Presidente do Aero-Clube de Piumhy”. Na sua fala saudou os visitantes. “Serenados os aplausos” a palavra se fez livre e dela fez o uso Clóvis Couto, um dos mais destacados oradores de improviso que a história de Piumhi conheceu. Couto “disse do contentamento que empolgava, no momento a todos os piumhienses, assim como o Brasil inteiro. Nossa terra não ficaria indiferente ao exemplo de Pouso Alegre, cujo Aero Clube, por sua Diretoria, dava-nos o conforto da sua presença, realçando a significação da nossa festa de instalação e emprestando extraordinário brilho à solenidade. Orador de tempera, linguagem fluente, recebeu os mais estrepitosos aplausos ao terminar”.

Dr. Vasconcelos Costa, prefeito de Pouso Alegre, também fez o seu discurso no qual “Lamentou que imperiosos deveres do cargo o estivesse chamando a seu município, razão porque não ficaria até o fim de todas



Grupo de aviadores de Campo de Marte (SP) , em 1937,dentre os pilotos o Coronel Lysias Rodrigues, patrono do Campo de Aviação em Piumhi

as solenidades, em Piumhy. Exortou os piumhienses a que cerrassem fileiras em torno da personalidade invulgar de João Coragem, no propósito de tornar-se esplendorosa realidade o nosso Aero-Clube. Demonstrando larga visão sobre o assunto, deu sábios conselhos à mocidade, recomendando, antes da coragem, prudência, antes da imprudência, sangue frio. Foram prolongados os aplausos que lhe dispensou a seleta assistência”.

Encerrando a sessão, Dr. Rebelo Horta, declinou o nome dos membros da diretoria e os declarou empossados e, em seguida, leu “magníficas páginas sobre o assunto, dizendo que o movimento se prestava para os instantes da alegria e para as incertezas da guerra. se queremos a paz, que estejamos preparados para a guerra, tal como a divisa latina. Congratulava-se com o povo cujo comparecimento, àquela sessão, agradecia em nome do Aero-Clube, declarando terminados os trabalhos”. Interessante a observação do Dr. Horta sobre o contexto da época, referia-se, ele, à possível entrada do Brasil na 2ª Guerra Mundial.

A Lira São José executou o Hino Nacional e as sete horas realizou-se o jantar na sede do Aero-Clube e à noite, no Salão da Prefeitura, realizou-se “magnífico baile que se prolongou até as 2 da manhã”.

## ASAS AO BRASIL

Assim nasceu o “Aero-Clube de Piumhy” que foi “fundado para realizar o empolgante programa de ‘dar asas ao Brasil’, não perderá a linha de orientação, base de salutar movimento cívico, nessa hora de graves apreensões para a pátria. Além disso, para maior atividade própria e conforto dos sócios, um vasto esboço de função cultural recreativa”. Os passos seguintes seria a organização da “festa de batismo de avião escola, com a designação de piloto instrutor, por quem de direito; ainda um pouco mais e teremos a solenidade de entrega de ‘brevets’ aos nossos aviadores”.

O texto do jornal “Folha do Povo” finaliza destacando o maior herói piumhiense: “Aviadores piumhienses que levarão quando necessário, o concurso do seu esforço em favor dos grandes e elevados interesses do Brasil, com tal denodo, com tão indescritível bravura, que sentiremos a impressão de que os ‘manes’ de José Francisco Lopes, o ‘Guia’ dos nossos patrícios contra os Paraguaios,

animam a idômita coragem dos pilotos que levarão, amanhã, nas asas de seus aparelhos, o Brasil, rumo à gloriosa vitória que os espera”.

## CORONEL LYSIAS

O campo de pouso foi batizado como nome do Coronel “Lysias Rodrigues”. Natural de São Paulo, Lysias Augusto Cerqueira Rodrigues nasceu em 23 de junho de 1896 e faleceu no Rio de Janeiro, em 21 de maio de 1957. Foi Major-brigadeiro-do-ar da Força Aérea Brasileira, piloto militar, engenheiro, historiador, escritor, pesquisador, desbravador e pioneiro da aviação civil e militar brasileira. Entre as décadas de 1920 e 1940 foi um dos principais defensores da importância da aviação como arma na defesa da Nação, tendo publicado inúmeros artigos na imprensa argumentando em torno dessa tese. Entre os artigos de maior repercussão está “Uma necessidade premente: o Ministério do Ar”. Um homem cuja história de vida e carreira militar justificaria com sobra a homenagem prestada. Seu nome permaneceu no campo de aviação até que passou a ter o nome de Sebastião Gomes de Souza. Depois de uma ampla reforma, custeada pelo Governo do Estado, foi inaugurado pelo então Governador Antônio Anastasia na manhã de 28 de maio de 2010, passando a receber a sua denominação atual: Aeroporto “Dr. Vítarsiano Leonel da Silva”.

João Coragem tinha sua origem ligada ao sul de Minas, região de Guaxupé onde havia de destacado como empresário industrial e como funcionário público. Migrou com sua família para Piumhi a fim de estudar a filha na Escola Normal “Dr. Francisco Campos”. Após deixar seu legado em nossa cidade retornou à suas origens e, infelizmente, não temos mais notícias desse curioso personagem.

O “Aero-Clube de Piumhy” não teve vida longa, pois tão logo o seu idealizador e fundador se retirou de Piumhi para outra localidade, mas a sua importante iniciativa legou à Piumhi um Campo de Aviação que posteriormente se tornaria o nosso aeroporto. Além disso, a iniciativa de João Coragem abriu caminho para que empresas de aviação estabelecessem linhas diretas entre Piumhi e outras cidades como Belo Horizonte, por exemplo.

Fale com o autor:  
professorluismelo@gmail.com



João Machado: de agricultor, tabelião, professor, sacristão, político, historiador, patrono de escola a personagem esquecido de nossa história

# Piumhi muito deve a esse notável Mestre

ACERVO D' HEBE BRUNO

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

Natural de Capitólio, quando a cidade era um acréscimo geográfico do município de Piumhi, o professor João Machado de Faria e Melo Sobrinho (porque tinha um tio paterno homônimo), era filho de Antônio Machado de Faria e Melo e Umbelina Cândida de Jesus, naturais do município de Pains, sendo ele membro de uma família de 7 irmãos. Não teve uma infância tranquila, pois desde moço dedicou-se à ocupação de operário agricultor em terras de seus pais, no entanto, foi privilegiado por ter aprendido o ofício das letras, embora se desconheça onde.

Sua vida pública iniciou-se com o exercício das funções de Oficial do Registro Civil, cargo exercido devido ao amor que tinha pelas artes de ler e escrever. Exerceu publicamente também o cargo de vereador na Câmara Municipal de Piumhi por um quadriênio. Profissionalmente, além de professor público por 7 anos, e professor particular por mais de 60 anos, ocupou-se como comerciante por 4 anos e sacristão por 6 anos. Esse diverso leque de atuação profissional permitiu ao Mestre João Machado um contato direto com todos os tipos de pessoas, permitindo-o apurar e desenvolver um amplo senso de observação e crítica.

Religioso, no sentido fervoroso, decidiu buscar uma companheira para lhe apoiar: casou-se eclesiasticamente com D<sup>a</sup> Emília Almada Machado (conhecida por Milica), em Piumhi, aos 27 de dezembro de 1888, na presença do Vigário José Florêncio Rodrigues. Desse matrimônio não houve filhos, senão uma adotiva de nome Antônia da Costa Almada, filha de Constantina Almada, irmã de sua esposa, falecida após o parto. Sobre sua religiosidade o professor Osmany Lima escreveu em 1957: *“religioso por índole e mercê de educação e exemplo de seus pais, foi católico apostólico romano”*.

Ouvindo um chamado de Deus à sua consciência religiosa exerceu a missão de Fabriqueiro da Matriz de Piumhi, durante o tempo do padre Francisco Gonçalves Goulart (1893 a 1911) e Monsenhor Mário da Silveira (1915 a 1925), cargo que lhe consumiu muita energia com o intuito de demarcar o Patrimônio da Paróquia. Desejava que essa demarcação fosse feita de acordo com os termos legais, mas sofreu tenaz oposição da Câmara Municipal de Piumhi e de outras pessoas, que alegavam que a Paróquia não possuía documentos que comprovasse a posse do terreno. Esse impasse agravou uma disputa que já existia e que só foi solucionada com a vinda do Padre Bernardo Fernandes Nogueira. Dessa forma, para justificar a necessidade da demarcação, a boa fé das pessoas, dos sacerdotes e do Conselho da Fábrica, foi necessária a realização de uma pesquisa histórica, que levaria ao conhecimento público alguns fatos ligados à criação do arraial que se tornaria a cidade de Piumhi.

Diante dessas pesquisas, João Machado, se sentiu entu-

siasmado, e decidiu expandir sua contribuição ao resgate da história de Piumhi. Assim, além do Arquivo Eclesiástico, do qual foi responsável, pesquisou com certas dificuldades no Arquivo Municipal, documentos forenses e se ateve muito *“da tradição ouvida com espírito observador dos meus antepassados (...)”*. A tradição veio até nós transmitida pelos mais antigos habitantes de Piumhi e circunvizinhança, maior parte transmitida ao autor destas linhas pelo seu velho e inesquecível pai, de saudosíssima memória”, conforme ele mesmo escreve em sua obra.

Após colecionar dados de sua vasta pesquisa e a articular com suas reminiscências e os depoimentos das pessoas de mais idade, aproveitando da capacidade de bom professor que era, escreveu um trabalho de grande importância para o resgate da história piumhiense, denominado *Pontos Para a História de Piumhy*, escritos manualmente e datilografado pelo autor, em 14 de janeiro de 1944. Seu trabalho não chegou a ser publicado, mas, hoje se trata de uma valiosa obra de referência histórica. Muitas são as contribuições que trazem ao resgate da história de Piumhi, uma vez que muitos livros utilizados como fonte por Machado, já não existem mais, dentre os quais os Livros de Tombos (Livros Paroquiais que registram a história do local). O autor deixa claro em uma espécie de introdução que *“Não é a história de Piumhi que pretendo escrever, porque para isso me faltam não só a competência necessária como ainda dados precisos. Meu trabalho reúne apenas alguns apontamentos para a mesma”*. Percebe-se nessa citação a modestia de Machado, que não viu seu trabalho ser publicado, nem menos o cálculo da importância do mesmo para a elaboração de um trabalho completo, que contemple as duas versões sobre a origem da cidade muitas vezes tidas como distintas: Patrimônio X Mineração.

A obra de Machado é subdivida nas seguintes partes: Primeiro Período - 1750 a 1754, onde trata da origem da cidade com a mineração e a doação de um patrimônio à Nossa Senhora do Arraial; Religião, que trata da evolução religiosa e política do município; Instrução, um resgate dos primórdios da educação piumhiense; Origem do nomes dos lugares, onde explica a origem de locais, roças e bairros; e finalmente, Conferência Vicentina, onde faz uma rápida menção desta. A importância de sua obra se desdobra em vários motivos, dentre os quais dois mais fortes: representou o primeiro esforço no resgate da história piumhiense, e porque promoveu um elo



Professor João Machado: um dos pioneiros na educação e da pesquisa da história de Piumhi

entre duas versões tidas por muitos historiadores como distintas, ou seja, alguns privilegiam uma teoria e ignora a outra.

Na época em que escreveu sua obra histórica não recebeu o valor que merecia, devido seu trabalho ter sido moldado no seu espírito religioso, o que *“impediram-no de fazer obra perfeita, embora verdadeira, saturada que acha da própria religião dessa terra”*, conforme escreveu o professor Osmany Lima. Pelo próprio professor João Machado foi entregue uma cópia ao Secretário da Prefeitura, o mesmo Lima, citado anteriormente e outra ao senhor Dario de Melo, que passou a pertencer ao seu filho Ovídio Arantes de Melo, o qual me presenteou com uma cópia dessa raridade.

Seu trabalho na educação das crianças e jovens desta terra rendeu à ele e sua esposa enquanto viveram uma pensão paga pela Prefeitura Municipal de Piumhi, desde as épocas do prefeito Rodolfo de Freitas Mourão (1938/1943).

Como professor, João Machado, deu significativa contribuição à instrução das crianças e jovens de nossa cidade, e nas palavras do professor Osmany Lima: *“Era um trabalho consciente e fecundo aquele magistério sublime e nobilitante, praticado à margem de qualquer interesse pecuniário, iluminado pelo ideal puro e inextinguível”*. Legando também uma pérola à cultura e história piumhiense através de seu ofício prático de historiador. Piumhi muito deve a esse homem, escolhido pelo professor Theodorico Vieira de Souza para ser patrono de sua Escola Técnica, inaugurada em 1954, e lastimavelmente fechada muitos anos depois. Contudo, hoje, não há nada na cidade que faz homenagem à essa figura pioneira na educação e cultura piumhiense, como forma de lembrança de seus feitos.

O grande João Machado faleceu em Piumhi aos 27 de maio de 1949, com 83 anos de idade, sendo seu corpo sepultado no mesmo dia no Cemitério da Saudade, nesta cidade que ele amou e escolheu para o descanso de seus restos mortais.

Fale com o autor:  
professorluismelo@gmail.com

MELO, Luís Augusto Júnio. Piumhi muito deve a esse notável Mestre: João Machado: de agricultor, tabelião, professor, sacristão, político, historiador, patrono de escola a personagem esquecido de nossa história. **Alto S. Francisco**. Piumhi, ano 102, 5 fev. 2023. Memória Piumhiense, p. 2.



Dr. Moacyr Lopes: nascido na Fazenda Ressaca, tornou-se médico com dificuldade e através deste sacerdócio pode contribuir para diminuir o sofrimento humano

# Um ícone da Medicina voltada para o mais carente em Piumhi

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

Moacyr Lopes nasceu na fazenda Ressaca, em 6 de novembro de 1924, hoje município de Dorésópolis. Era filho de José Lopes da Cunha e Maria de Lourdes Rocha Lopes. O segundo de uma família de 11 irmãos, tendo um deles falecido na infância. Foi criado na fazenda, onde teve uma infância classificada por ele mesmo como feliz. Raramente vinham à cidade e fabricavam os seus próprios brinquedos com o que a natureza oferecia: cavalinhos de pau, carros de bois com sabugos de milho e, às vezes, com dinheiro da venda de doces de goiaba, do avô Ramiro (pai da mãe de Moacyr) compravam brinquedos, o que sempre terminava em confusão, pois os primos e vizinhos ficavam com ciúmes, explicou sua esposa Zilda Alves Costa Lopes na biografia que escreveu do marido: “Memórias de Dr. Moacyr”.

Estudou os anos iniciais com seus irmãos na fazenda. Seu pai havia contratado uma professora chamada Maria Antônia, de Pains, mas logo foi substituída por Maria de Oliveira, de Piumhi. Outros professores passaram por lá. Cada um deixou a sua marca de contribuição na educação daqueles pequenos.

Por ser o segundo filho, Dr. Moacyr e seu irmão mais velho, José Lopes Filho, conhecido como José Lopinho, sempre acompanhavam o pai nas idas até Igatama, levando porcos que seriam despachados para Belo Horizonte. Ainda bem pequeno, Moacyr saía de madrugada em busca da parteira que morava bastante longe, quando a sua mãe ia dar à luz mais um filho, esse era o peso de ser um dos irmãos mais velhos. Dona Zilda avaliou em sua obra que o pai de Moacyr “deu aos filhos responsabilidades desde cedo, o que fez deles homens dignos, honestos e trabalhadores”.

Aos 13 anos. Dr. Moacyr e seu irmão José Lopinho mudaram para Piumhi a fim de continuarem os seus estudos no terceiro e quarto ano primário. Apesar de estarem na cidade, conhecendo outras pessoas e vivendo uma nova vida, sentiam saudades da roça, da família e do trabalho. Dr. Moacyr sempre se compadeceu do sofrimento alheio. Na roça, viu transportarem para o sepultamento, um senhor num banguê e ouviu dizer que havia morrido de malária. Diante daquela cena fúnebre, ele pediu ao pai para continuar os seus estudos, pois queria ajudar aquela gente sofrida que morria sem nenhum amparo ou assistência médica. Nessa ocasião, já contava com 16 anos de idade e queria estudar para ser médico.

Sentiu que seu pai resistia, mas a mãe intercedeu e escreveu para sua irmã que morava em Belo Horizonte, solicitando que o hospedasse. A tia respondeu positivamente. Ao saber que Moacyr iria para Belo Horizonte, José Lopinho decidiu ir também. A vida na cidade grande foi difícil. Por causa do seu jeito simples, viraram motivo de chacotas e críticas dos outros meninos. A idade os impediu de serem aceitos no serviço militar, ocasião em que o marido da tia arrumou um emprego para eles numa oficina mecânica.

A tia contratou um advogado para os preparar para o exame de admissão. Foram aprovados e matriculados no Colégio Marconi. Depois de um ano na casa da tia, em 1940, o pai decidiu mandá-los para um hotel, mas como era caro, pouco tempo depois foram para a pensão Rabelo, passando depois por vários outros locais.

Zé Lopinho foi para Juiz de Fora, pois fora chamado para o serviço militar. Algum tempo depois, Moacyr foi chamado para o serviço militar, em Três Corações, mas foi dispensado por causa do seu porte físico. Em 1946, voltaram para a fazenda, pois o pai disse que precisava deles lá. No ano seguinte, Moacyr insistiu em voltar aos estudos, mas seu pai não se mostrou satisfeito e mesmo contrariando o pai, ele e o irmão foram para Belo Horizonte, para a casa da tia.

Moacyr se empregou no Fórum Lafaiete e Zé Lopinho voltou a trabalhar na oficina do tio. Com promessa de emprego melhor, Moacyr foi induzido a assinar a sua demissão, mas não havia emprego. Conseguiu trabalho numa fábrica de fogões, mas sentin-

do muito cansado da rotina dupla de estudo e trabalho, optou por somente estudar.

Depois de muitas dificuldades, conseguiu aprovação no vestibular do curso de Medicina, na Universidade Federal de Minas Gerais. Passou também em primeiro lugar no curso de Farmácia, em Ouro Preto. Optou pela Medicina. Teve que estudar muito para conseguir acompanhar os colegas. Foi muito difícil se manter em Belo Horizonte estudando. No terceiro ano do curso, conseguiu emprego no laboratório da Santa Casa de Misericórdia. No ano seguinte, passou pelo Pronto Socorro, Hospital Hilda Brandão e Hospital Borges da Costa, esse especializado em tratamento de câncer. Nesse último, passou a morar.

Como era um hospital com muitos recursos, teve oportunidade de aprender muito. No sexto, último ano do curso de Medicina, a Faculdade entrou em greve. Ele e demais alunos não aderiram à greve e se formaram em 8 de dezembro de 1956.

Em 1957, mudou-se para Piumhi e foi convidado para trabalhar na Casa de Saúde São Rafael, pelo Dr. Francisco Xavier. Dr. Anielo Camarano também o convidou para trabalhar no Hospital São Francisco. Para quem faltava emprego, agora sobrava. Considerando que Dr. Francisco Xavier queria fazer uma viagem ao exterior, Dr. Moacyr aceitou a proposta e passou a auxiliar o Dr. Nícias Maia na Casa de Saúde São Rafael. Era um hospital simples, porém bem administrado. Eram feitas grandes cirurgias. Ao lado, funcionava a “Maternidade Odete Valadares”.

Dr. Moacyr casou-se em Piumhi, no dia 8 de setembro de 1957, com Zilda Alves Costa, natural de Piumhi, nascida em 1933, filha de João da Costa Mesquita e Maria Alves da Costa, já falecida na ocasião do casamento. Iniciaram a vida de casados em uma casa alugada na atual praça Guia Lopes, “era uma vida de amor, dedicação e muito trabalho” anotou Zilda nas “Memórias de Dr. Moacyr”. O casal teve os filhos: Moacir Lopes (Acir), Selma Lopes, Maggy Lopes, Evane Lopes, Kênio Lopes, Mágnio Lopes, Klécio Lopes e Cláudia Lopes.

Dr. Moacyr não tinha carro e visitava os seus pacientes de bicicleta. Com muita dificuldade, conseguiu adquirir um Chevrolet 40, que além de facilitar o seu trabalho como médico, fez a alegria da família. Como era muito bom profissional e com a escassez de médicos na região, Dr. Moacyr, que vivia uma vida simples, conseguiu economizar algum dinheiro. Como não tinha conta em bancos, sua esposa recomendou que comprasse um cofre para guardar o dinheiro. Assim o fez. Depois de algum tempo, segundo dona Zilda, a porta do cofre não fechava mais. Sem muito o que fazer, decidiu gastar o dinheiro. Como era época de chuvas e o ar estava muito úmido, ao retirar o dinheiro do cofre notou que o mesmo estava muito mofoado. Decidiu então esparramar o dinheiro no quintal, no sol e pediu aos meninos para vigiarem para não pegar chuva. Com o dinheiro seco e sem saber o que comprar, foi a uma agência Ford com um saco cheio de dinheiro e comprou um carro Ford Landau, que conservou por toda a sua vida, ficando muito tempo, encostado no quintal da Casa de Saúde São Rafael.

Durante toda a sua vida de médico, nunca mediu esforços para auxiliar o próximo. Tinha o sonho de trabalhar no Posto de Saúde, mas as circunstâncias e as questões políticas não permitiram naquele momento. Atendia os prisioneiros e fazia perícias policiais sem nada receber. O atendimento era feito nas celas ou no consultório, conforme a necessidade. Fez inúmeras cesarianas à luz de lamparina, pois a energia da cidade não era muito boa. Salvou inúmeras vidas, e muitas ve-



Dr. Moacyr Lopes em foto de sua formatura em Medicina pela UFMG em dezembro de 1956

zes, sem nada cobrar. Dona Zilda acrescentou: “ele nunca fez anotações de seus pacientes devedores. Sempre deixou na consciência de cada um pagar suas dívidas; não se preocupava com isso. Sempre admirei sua disponibilidade para atender as pessoas mais carentes”.

Como médico, trabalhou 20 anos como perito do INSS e deu apoio aos médicos recém-formados. Quando o Dr. Francisco Xavier decidiu se mudar para Belo Horizonte, vendeu a Casa de Saúde São Rafael para Dr. Moacyr e Dr. Ronaldo Lara, que havia substituído Dr. Nícias, que também havia ido embora. Porém, houve um inconveniente: a maternidade foi descredenciada pelo INSS e por mais que tentassem credenciá-la novamente, o pedido era negado. Desgostoso com a situação, Dr. Ronaldo mudou-se para Ibiraci, vendendo ao Dr. Moacyr sua parte na Casa de Saúde.

O sofrimento da época de criação e dos estudos criaram em Dr. Moacyr um espírito de amor ao próximo e humildade que se tornaram a marca mais significativa de sua existência. Características como essas e política não combinam, e ele nunca se envolveu em política, decisão que acabou trazendo consequências negativas à sua trajetória profissional.

Chegou por algum tempo a acumular a direção da Casa de Saúde e da Santa Casa de Misericórdia. Na Casa de Saúde, também atuaram com Dr. Moacyr, Dr. João Batista Soares e, depois, Dr. Wallace Mota. Em 1995, reformou a Casa de Saúde e teve a alegria de ver seus filhos clinicando nela. Dr. Moacyr sempre acolheu em seu hospital, qualquer médico que por ventura quisesse vir clinicar em Piumhi. Além dos já citados, Dr. Rui Manoel dos Prazeres Xavier, e Dr. Nelson também receberam todo apoio do Dr. Moacyr, quando aqui chegaram. Ali, Dr. Nelson fez as primeiras cirurgias de catarata, tendo Dr. Moacyr como seu auxiliar. Segundo Dr. Nelson ele nunca se preocupava se iria receber algum pagamento pelo serviço.

Depois de muito trabalho, esforço, dificuldades e muita prática de caridade, conseguiu formar os seus filhos. Recebeu, em 2004, a homenagem de ter as suas memórias escritas por sua esposa Zilda no livro “Memórias do Dr. Moacyr”. Em 2009, foi agraciado com a Láurea de Mérito de Médico do Interior pela Academia Mineira de Medicina, a qual “é reservada aos médicos que demonstram grande valor profissional, honradez, lealdade e ética”, como explicou o presidente da instituição, o médico Gilberto Madeira Peixoto.

Faleceu em Piumhi, na condição de decano da medicina piumhiense, aos 89 anos, no dia 13 de junho de 2014. Foi sepultado no Cemitério da Saudade em Piumhi. O seu maior legado para a cidade foi colocar a sua profissão a serviço dos mais necessitados, sem nada querer receber em troca.

**Fale com o autor:**  
**professorluismelo@gmail.com**

MELO, Luís Augusto Júnio. Um ícone da Medicina voltada para o mais carente em Piumhi: dr. Moacyr Lopes: nascido na Fazenda Ressaca, tornou-se médico com dificuldade e através deste sacerdócio pode contribuir para diminuir o sofrimento humano. **Alto S. Francisco**. Piumhi, ano 102, 12 fev. 2023. Memória Piumhiense, p. 2.



# Piumhi no tempo dos seus antigos carnavais

ACERVO DO AUTOR



‘Os automóveis em torno do jardim, estavam cheios de senhoritas elegantemente fantasiadas’, Carnaval, 1938

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

Na última sexta-feira teve início uma das maiores expressões culturais de nosso país: o Carnaval. O Brasil paralisa todas as suas atividades normais para brincar, pular e cair na folia. Cada região guarda seus costumes próprios e nossa terra não é diferente. Curioso é que as comemorações sofreram as suas mudanças e transformações ao longo do tempo.

Alguns estudiosos do assunto, afirmam que a origem dessa estranha comemoração é resultado da amálgma de elementos cristãos e pagãos. A religiosidade, entretanto, ensina que é a festa da passagem, do “adeus à carne”, ou seja, abandonar os prazeres da vida a fim de entrar no clima de luto, recolhimento e reflexão típico do tempo da quaresma.

Seja como for, os piumhienses de antigamente já viveram tempos de glória manifestando suas alegrias e extravasando suas energias em grandes festas carnavalescas. Os primeiros registros do carnaval de Piumhi datam a década de 1920, quando tornaram-se pequenas notas no jornal Alto S. Francisco, onde se lê sobre os luxuosos bailes que eram organizados por ocasião da festividade. Certa oportunidade o redator do referido jornal registrou nas primeiras edições do semanário: “não podemos nem mesmo em traços apagados pôr em relevo a beleza do velho costume carnavalesco que já reinou em Piumhi”. O relato dava conta de que o costume já era há muito comemorado em Piumhi.

Na edição de 18 de fevereiro de 1923 o redator do mesmo jornal registrou que o ponto de encontro era a Praça Municipal (hoje praça Dr. Avelino de Queiroz) e que “os

automóveis em torno do jardim, estavam cheios de senhoritas elegantemente fantasiadas”. O objetivo da festa também ficou explícito “o povo divertiu-se a faltar, esquecidos das lutas e dificuldades da vida, durante esses três dias de liberdade, de expansão e desenvoltura, amntendo a perfeita ordem”. Bem a identidade do brasileiro: comemorar para fugir ou camuflar a triste realidade que nos cerca e que seria real motivo de entristecimento.

A cada ano que se passava novos elementos eram incorporados à festa, que já se consolidava como tradição na cidade. Tudo era alegria e brincadeira: guerra de confetes e costume de jogar água nas outras pessoas são elementos que ainda são lembrados por muitas pessoas de nossa sociedade. O entrudo, a festa do Rei Momo etc. Tudo dentro do respeito e da moralidade que reinava e se impunha como necessária naquela época.

Na década de 30 muitos blocos carnavalescos eram sólidos no carnaval piumhienses. Dentre eles podemos destacar: SOS; Sei Lá Se É; Os Mandarins; O Mais Feio Ficou Em Casa; Cinquenta Por Cento; Os Rouxinóis; Moreninhas Tira Fogo; Quem Pode Pode e Baixada U. Cada qual contribuía com a sua alegria, animação e entusiasmo para o brilhantismo de nosso carnaval. Cada grupo possuía suas idumentárias próprias que normalmente eram variáveis de um ano para outro.

Nomes como Servita de Oliveira; Araci Vitral; Lulu Martins; Diva Carvalho, Dora Cunha; Consuelo Hostalácio; Paula Firmino; Vitolina Rezende; Zé Baiano, Zé Goulart; José Hermenegildo; II Bruno, Toró Amaral, Jota Moreno, Itamar

Santinho e tantos outros serão para sempre lembrados como os grandes carvalescos de Piumhi. A alegria era embalada ao som da Lira e São José e da Banda do II Bruno e vários outros tocadores de qualquer instrumento. Onde tivesse barulho o povo certamente estaria atrás.

O tempo é um elemento implacável e percebemos isso quando observamos que tudo passa. Os elementos do antigo carnaval piumhiense foram aos poucos sendo substituídos por novos elementos e novos costumes. O que era alegria acabou virando “careta e fora de moda”.

No outono do século XX e primavera do século XXI, durante a administração do saudoso Dr. João Batista Soares, houve uma tentativa de resgatar um pouco do antigo carnaval de desfiles de Escolas de Samba em Piumhi. Lembro, dessa época uma magnífica composição musical de Airtton Amaral de Souza (Toró) que homenageava a passagem dos 500 anos da chegada dos portugueses ao Brasil, destacando a famosa carta de Pêro Vaz de Caminha. Pouco tempo depois o projeto foi abortado. Se meu amigo Toró Amaral ainda estivesse fisicamente entre nós, teria sem dúvida, com sua sabedoria e maestria homenageado o bicentenário da independência de nosso país um samba-enredo. Infelizmente, está compondo no céu, e nós aqui lamentando a sua eterna falta.

O carnaval de hoje em quase nada lembra os que existiram no passado de nossa cidade, mas podemos lembrar essas passagens através dos registros e fotos de um tempo que já se foi, mas que ficou no coração, alma e memória de muitos piumhienses que choram a mágoa da saudade.

**Fale com o autor:**  
**professorluismelo@gmail.com**



Dr. Oswaldo Soares Machado: médico, político, diretor clínico da Santa Casa e fundador da Casa de Saúde São Francisco (I)

# Um ícone da Medicina e da vida política na Piumhi do século 20

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

Dr. Oswaldo Soares Machado foi um dos personagens mais importantes da história piumhiense do século XX. Não só por sua condição política, que o elevou ao cargo de prefeito de Piumhi por duas vezes, mas, também, pelos benefícios humanitários que prestou à nossa cidade como médico. Mesmo sendo polêmico e enérgico, conseguiu a duras penas, minimizar o sofrimento de muitas pessoas. Fez isso em benefício de várias gerações de piumhienses.

Nasceu em Piumhi em 29 de novembro de 1908. Foi batizado pelo padre Chico Goulart, na Matriz de Piumhi, em 1º de dezembro de 1908. Teve como padrinhos seu tio paterno Coronel Francisco Soares Ferreira e Mariana Soares dos Santos. Seus pais eram Domiciano Soares Ferreira e Dona Diolina Cândida de Melo. Ele, membro de destacada família piumhiense, filho de Vicente Soares Ferreira e Maria de Paula Arantes. Viveu entre Piumhi e Capitólio, trabalhando como fazendeiro por imposição do sogro. E foi comerciante por gosto. Ela tinha suas origens ligadas a outra importante família: era filha de João Gonçalves de Moraes Machado e de Rita Cândida de Melo. Domiciano e Diolina se casaram em Piumhi, em 26 de setembro de 1891.

Dr. Oswaldo era o caçula de uma família de 7 irmãos. Três morreram quando crianças. Iniciou seus estudos com professores particulares e nas poucas e irregulares escolas que existiam na cidade. Dessa forma, aprendeu a ler e escrever, condição que o colocava em patamar mais elevado do que a maioria da população piumhiense daquela época, mas o seu caminho pelos estudos ainda seria bastante longo. Espelhando-se em seu primo, Dr. Vicente Soares Ferreira, formado em Medicina, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1912, Oswaldo decidiu que seria médico. Domiciano não mediu esforços para garantir o estudo necessário à formação do filho no curso pretendido, bem como para os demais filhos: Dr. Oscar Soares Machado em Direito e Dr. José Soares Machado (Juca Domiciano) em Farmácia. Vicente, o outro filho tinha um problema mental que o impediu de estudar.

Para dar sequência aos seus estudos, Oswaldo teve que abandonar a sua terra natal e se submeter às dificuldades da cidade grande. Em São João Del Rei, fez os exames de admissão. Com a aprovação, conseguiu entrar no Colégio Interno Franciscano, onde concluiu o ensino Ginásial e Científico (que hoje chamamos de Ensino Fundamental e Médio). Adaptado e acostumado ao ritmo da cidade grande, Oswaldo se mudou para Belo Horizonte e ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais (futura UFMG). Depois de

muito estudo e dedicação, conseguiu a sonhada formatura em 1935, na 19ª turma da instituição. O jornal Alto S. Francisco noticiou a sua formatura com a seguinte nota: *“Da conceituada família Soares, mais um moço se destaca alcançando na Universidade de Minas Gerais o grau de Doutor em Medicina. É o Dr. Oswaldo Soares Machado, que terminou o seu curso, com notas que testemunham a sua cultura e inteligência”*. (ALTO S. FRANCISCO, Edição nº 623 de 22/12/1935).

Depois de formado, retornou a Piumhi e teve a oportunidade de colocar em prática os conhecimentos adquiridos na faculdade. Passou a fazer parte do corpo clínico do Hospital de Misericórdia de Piumhi (atual Santa Casa de Misericórdia de Piumhi) da qual seu pai, Domiciano Soares, foi um dos fundadores. Trabalhou ao lado do primo, Dr. Vicente, o médico que inspirou os seus ideais profissionais.

Importante destacar que naquela época, a maioria da população piumhiense morava no meio rural e era muito pobre. O Hospital de Misericórdia de Piumhi era o único acalento de suas dores e doenças. Em 1937, Dr. Vicente Soares deixou Piumhi rumo a Belo Horizonte. Sua mudança deveu-se ao uso contínuo de tabaco que lhe causou o desenvolvimento de um câncer na garganta, sendo submetido a uma intervenção cirúrgica que lhe retirou as cordas vocais, deixando-o afônico. No entanto, antes mesmo da mudança de Dr. Vicente, em 1936, Dr. Oswaldo Soares Machado já havia assumido a direção clínica da Santa Casa de Misericórdia de Piumhi.

Mesmo com o desejo de promover a caridade e auxiliar a comunidade piumhiense, o encargo tornava-se uma provação e revelava-se também um desafio quase impossível de ser transposto praticamente sozinho. Por muitas vezes, Dr. Oswaldo se viu obrigado a fazer a sua função de médico, enfermeiro, lavador de roupas e até mesmo faxineiro, por um único motivo: falta de condições financeiras da instituição para contratar os funcionários necessários. Por inúmeras ocasiões, depois das intervenções cirúrgicas complexas e complicadas, tinha que limpar e ferver as vestimentas e instrumentais, deixando tudo pronto, pois não se sabia em que momento precisaria utilizá-las novamente. Para isso, sempre contou com auxílio do farmacêutico Silvano Guimarães, que também



Dr. Oswaldo Soares Machado em traje de formatura em Medicina pela antiga UMG em 1935

chegou a ajudar na realização de cirurgias. Foram anos de uma jornada extenuante de trabalho, com recursos ínfimos e péssimas condições de trabalho. Às suas custas, construiu uma nova sala de cirurgias e adquiriu um aparelho de raios-x que era utilizado pela Santa Casa.

As subvenções que a instituição recebia eram raras e mal davam para as suas despesas essenciais, salários atrasados e infraestrutura do prédio já comprometida pela ação do tempo. Além disso, os pacientes raramente tinham condições de efetuar o pagamento pelas consultas e procedimentos realizados. A instituição trabalhava sempre no vermelho. Diante da situação, seu provedor José Alves Terra e companheiros da direção decidiram suspender os atendimentos do hospital provisoriamente, para que se conseguisse equilibrar as suas contas e, ao mesmo tempo, chamar a atenção e pressionar as autoridades do Estado para o problema enfrentado pela Santa Casa de Piumhi. A medida era drástica, mas necessária, pois não havia outra opção. O fechamento da Santa Casa se deu no ano de 1956 e permaneceu até 1968, embora nesse intervalo inúmeras tentativas tenham sido feitas para o restabelecimento das atividades da instituição, porém todas sem sucesso.

Não é correto dizer que a Santa Casa de Piumhi foi fechada por questões políticas, mas, na verdade, foi por falta de recursos suficientemente capazes de promover a sua manutenção e o seu consequente funcionamento. Não raras vezes se ouve dizer tal inverdade, chegando ao absurdo de atribuir a culpa do fechamento ao Dr. Oswaldo. Esse texto visa promover justiça e corrigir um equívoco histórico que vem se repetindo ao longo dos anos. A dedicação e esforço que Dr. Oswaldo deu à instituição nos 21 anos em que esteve à sua frente, por si só já são motivos de eterna gratidão do povo piumhiense.

Fale com o autor:  
professorluismelo@gmail.com

MELO, Luís Augusto Júnio. Um ícone da Medicina e da vida política na Piumhi do século 20: dr. Oswaldo Soares Machado: médico, político, diretor clínico da Santa Casa e fundador da Casa de Saúde São Francisco (I). **Alto S. Francisco**. Piumhi, ano 102, 26 fev. 2023. Memória Piumhiense, p. 2.



Dr. Oswaldo Soares Machado: médico, político, diretor clínico da Santa Casa e fundador da Casa de Saúde S. Francisco (II)

# ‘Um grande líder, pelos seus exemplos e pelo seu trabalho

ACERVO DO AUTOR

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

Dr. Oswaldo Soares Machado e Dr. Jamil Caram fundaram e construíram o Hospital São Francisco, inaugurado festivamente em 11 de setembro de 1952. Funcionou por muitos anos à rua Miguel Couto, em terreno amplo, construções apropriadas para um hospital e excelente infraestrutura. Essas características fizeram da instituição um hospital de referência para a época. Além do Dr. Oswaldo e Dr. Jamil Caram, trabalharam no São Francisco os médicos Dr. Anielo Camarano, Dr. Geraldo de Moura Santos e Dr. Ivo de Andrade. Dentro de certos limites, o Hospital São Francisco e a Casa de Saúde São Rafael, comandada pelo Dr. Moacyr Lopes, faziam as vezes da Santa Casa de Misericórdia, enquanto esteve fechada. O Hospital São Francisco funcionou até os primeiros anos da década de 1970, quando encerrou as suas atividades.

Dr. Oswaldo se casou em Piumhi, em 8 de dezembro de 1943, aos 34 anos de idade, com Dona Maria Soares Ferreira, carinhosamente chamada de Dona Lília. O casamento foi assistido pelo padre Abel de Abreu Vouguinha, na presença das testemunhas: José César Augusto Maia (Juquinha Maia), farmacêutico, e Beraldo Soares Ferreira, fazendeiro. A noiva era natural de Piumhi, tinha 22 anos de idade e era filha de Antônio Soares Ferreira e Ana Sabina de Araújo. O casal teve 9 filhos: Maria Lúcia, Gláucia, Dr. José Oswaldo, Vânia Lúcia, Arnaldo, Ana Diolina, Hilton, Wanilda e Bernadete, todos com sobrenome Soares Machado.

Paralelamente ao exercício da Medicina, Dr. Oswaldo foi militante político durante quase toda a sua vida. Foi um dos principais fundadores da União Democrática Nacional (UDN) ao lado de seu irmão advogado, Dr. Oscar Soares Machado, e de sua prima advogada Dra. Virgínia Soares Ferreira. Defendeu, com afinco e obstinação, esse partido político gestado no processo de redemocratização, após o final da ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas, em 1945.

A primeira eleição direta para o cargo de prefeito, depois de muitos anos de nomeações e uma eleição indireta, realizou-se em 23 de novembro de 1947. Os candidatos indicados pela UDN foram Dr. Oswaldo Soares Machado, para vice, Clóvis Couto. Pela sigla rival, foram escolhidos Dr. Jair Ferreira Leite e o fazendeiro José Neca da Costa, para vice. No universo de 5.145 votos nominais, a diferença que deu vitória ao Dr. Oswaldo Soares Machado foi de 199 votos. Para vice-prefeito, foi eleito Clóvis Couto também da UDN.

Tomou posse em 25 de dezembro de 1947. Tendo a maioria da Câmara Municipal, exerceu um bom governo para a cidade, porém com poucos recursos federais ou estaduais disponíveis. O pouco que con-

seguia era a execução e manutenção dos serviços essenciais: provimento de água potável, iluminação e esgotos. Para contornar os desafios, Dr. Oswaldo utilizou de empréstimos para executar obras, mas o limite de endividamento dependia do caixa da prefeitura, que era muito reduzido. Oportunamente, Dr. Oswaldo, coligado ao governador Milton Campos, ambos do mesmo partido, ganhou favorescimentos que o ajudaram na construção da ponte do Corte, reforma no Grupo Escolar “Dr. Avelino de Queiroz” e outras realizações, como calçamento de ruas da cidade.

Concluído o seu mandato em 31 de janeiro de 1951, Dr. Oswaldo passou o comando do município ao seu aliado político e amigo pessoal Clóvis Couto, que venceu o também farmacêutico João Menezes. Dr. Oswaldo continuou na administração municipal na condição de vice-prefeito, pois derrotou o candidato do PSD, Nelson Pereira de Barros. Alguns anos depois, em 1954, foi eleito novamente ao cargo de prefeito, superando o fazendeiro José Neca da Costa. Nessa gestão, teve como vice-prefeito Josué Soares de Oliveira, também membro da UDN. Concluído o seu segundo mandato em 31 de janeiro de 1959, entregou a prefeitura ao rival político José Neca da Costa. Dr. Oswaldo concorreu à prefeitura novamente nas eleições de 1962, mas foi derrotado por José Goulart, numa eleição apertadíssima, com uma diferença de 109 votos. A partir de então Dr. Oswaldo passou a atuar na política local de forma coadjuvante, como importante e respeitado conselheiro. Abandonou definitivamente a política nos seus últimos anos de vida.

O médico e também ex-prefeito de Piumhi, Dr. José Garcia Pereira caracterizou Dr. Oswaldo da seguinte forma: “Foi um prefeito famoso por ser criterioso, fazia cotação de prego para a prefeitura. Muito preocupado com a saúde pública, ele inclusive foi responsável pela canalização e construiu a barragem de captação do Ribeirão das Magrinhas e elaborou um plano de distribuição de água na cidade inteira. Ele foi preocupado com a saúde pública e, prova disso é que morreu relativamente pobre em termos de ganhos na Medicina, o que deixou de herança foi o que recebeu, ele apenas sobreviveu da Medicina. Era um político excelente, pois não era fanático, meu pai, por exemplo, era do PSD e eles tinham amizade. Ele não misturava política com profissão e amizade. Foi um prefeito corretíssimo, preocupa-



O médico e político Dr. Oswaldo Machado: ‘Para a época dele, foi um prefeito muito avançado’

do com a saúde pública e muito preocupado com a administração do dinheiro. Foi muito avançado na parte de sanitarismo, pois pensava no tratamento de água e inclusive na canalização do esgoto. Para a época dele, foi realmente um prefeito muito avançado”, conforme entrevista concedida ao autor em 18 de outubro de 2021.

Foi nomeado pelo governo do Estado como médico do Posto de Saúde “Antônio Moreira Guimarães”, onde colocou em prática os seus conhecimentos médicos no atendimento à população carente de nossa cidade.

No ano de 1978, teve o agravamento de uma doença que há alguns anos o incomodava, afastando-se das atividades clínicas, afim de buscar tratamento na cidade de Divinópolis. Na época, onde dispunha de mais recursos em medicina do que Piumhi. Em 5 de janeiro de 1979, Piumhi se viu surpreendida com a notícia da morte do antigo líder político da cidade, ocorrida no hospital São João de Deus. Em Piumhi, foi velado em sua residência, com a Missa de corpo presente, celebrada pelo Cônego Ivo Soares de Matos. O sepultamento foi realizado no Cemitério da Saudade, onde grande número de pessoas acompanhou o sepultamento daquele que “foi e continuará sendo ainda um líder, pelos seus exemplos e pelo trabalho que deixou registrados na história piumhiense”, anotou o redator do Alto S. Francisco de 14 de janeiro de 1979. Dr. Oswaldo recebeu inúmeras homenagens e demonstrações de afeto da população e autoridades piumhienses. Pela lei nº 751, de 23 de outubro de 1979, o nome Dr. Oswaldo Soares Machado foi dado à avenida no bairro Esplanada que liga o bairro Pindaíbas à Nova Esperança.

Mais importante que sua atuação como prefeito, político e líder, foi o exemplo de Dr. Oswaldo como cidadão e pessoa solidária que fez do exercício da Medicina uma missão em benefício dos mais pobres, de quem nunca cobrava a assistência médica.

Fale com o autor:  
professorluismelo@gmail.com

MELO, Luís Augusto Júnio. Um grande líder, pelos seus exemplos e pelo seu trabalho: dr. Oswaldo Soares Machado: médico, político, diretor clínico da Santa Casa e fundador da Casa de Saúde São Francisco (II). **Alto S. Francisco**. Piumhi, ano 102, 5 mar. 2023. Memória Piumhiense, p. 2.



# Eudoro da Costa Lima -- a profissão de ferreiro no sangue, espírito empreendedor e alma caridosa (I) Nô do Benil: uma vida de fé, caridade, família e trabalho

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

Eudoro da Costa Lima nasceu em Piumhi, em 2 de janeiro de 1915, filho de Benil da Costa Lima e Rita da Costa Lima. Passou a sua infância na companhia dos pais, aprendendo o ofício de ferreiro e serralheiro, profissão que se tornou tradicional em sua família. Desde pequeno tinha o apelido de Nô e por ser filho do Benil, tornou-se popularmente conhecido como Nô do Benil. Ainda em tenra idade, aprendeu a ler e a escrever. Logo demonstrou ser grande interessado na arte e no conhecimento, mas, em razão do trabalho, não teve condições de dar continuidade aos estudos.

Tive a oportunidade de conhecê-lo, quando fazia uma pesquisa sobre a construção da Igreja Santo Antônio, em que sua participação foi decisiva. Nessa ocasião, pude constatar que sua vida tinha quatro pilares básicos: fé, caridade, família e trabalho. Nessa visita, pude perceber um homem alto, magro, atencioso e de conversa mansa, demonstrando ter uma experiência de vida incomparável, pois já contava com seus 87 anos de idade em perfeita lucidez, paz de espírito e ótimo humor. É muito difícil um idoso reunir em si essas características.

Segundo os arquivos da Sociedade São Vicente de Paulo em Piumhi, muito bem catalogados e organizados por Ovídio Arantes de Melo, a vida de caridade de Eudoro da Costa Lima remonta ao longínquo 25 de julho de 1925, então com 10 anos de idade, quando entrou para uma Conferência Vicentina. No entanto, algum tempo depois, teve que se afastar das atividades em decorrência de problemas de saúde, mas nunca deixando de

lado a sua fé e a prática da caridade.

Muito dinâmico, Nô do Benil se uniu com seu amigo e também vicentino José Gonçalves Sobrinho, conhecido como José Ourives. Eles fundaram, em 1938, o 'Santo Antônio Sport Clube', tendo como objetivo incentivar e valorizar a paixão de ambos: o futebol. Nô jogava na posição intermediária. Ainda em 1938, precisamente em 3 de julho, o Santo Antônio Sport Clube fez célebre jogo com o já tradicional Atlético Piumhiense Futebol Clube (APFC), terminando a partida empatada em 4 a 4, o que foi considerada uma vitória para o time que estava nascendo. Dentre os jogadores do Santo Antônio destacamos: o goleiro França, os zagueiros Domim e Lemos; na intermediária, Joaquim, Nô do Benil e Zezinho; no ataque, Clóvis, Pedro, Eli e Avelino. O clube esportivo existiu por um bom tempo sob a proteção do Santo Católico de maior predileção dos fundadores da entidade: Santo Antônio de Pádua.

Aos trinta anos de idade, casou-se com Dagmar de Almeida Lima. A cerimônia foi realizada em Piumhi, no dia 1º de dezembro de 1945. Ela, com 17 anos, natural da cidade de Pimenta, nascida no ano de 1928, filha de Belarmino Francisco de Almeida e Cacilda Maria de Souza. O casal teve 8 filhos.

Na Sociedade São Vicente de Paulo (SSVP), Nô do Benil foi proclamado confrade em 23 de julho de 1944. Em 14 de agosto do ano seguinte, foi escolhido vice-presidente da Conferência São Geraldo. Nessa caminhada, em 1º de janeiro de 1958, assumiu a presidência da Conferência Santo Antônio, sendo o primeiro presidente desta Conferência Vicentina.

ACERVO DO AUTOR



**O ferreiro Nô do Benil, na juventude um aficionado pelo futebol**

Permaneceu no cargo até 28 de junho de 1959. Para melhor compreensão, é necessário explicar que a SSVP é uma instituição de caridade criada na França, por Antônio Frederico Ozanan, em abril de 1833. A organização se espalhou por todo o mundo, como importante instrumento de socorro material e espiritual aos pobres. Em Piumhi, a primeira Conferência Vicentina foi criada em 1º de abril de 1901, por Cândido Prado e mais algumas dezenas de companheiros. A SSVP é constituída por membros denominados confrades (se homem) e consócias (se mulher) que administram uma Conferência, pequena unidade da instituição responsável pela prática da oração, visita e assistência aos pobres em suas necessidades.

Na próxima edição seguimos com o resgate das memórias de Nô do Benil.

**Fale com o autor:**  
**professorluismelo@gmail.com**



Eudoro da Costa Lima -- a profissão de ferreiro no sangue, espírito empreendedor e alma caridosa (II)

# ‘Um dos melhores confrades em toda história da SSVP em Piumhi’

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

A Igreja de Santo Antônio de Piumhi nasceu do sentimento de devoção e amor que alguns piumhienses tinham por Santo Antônio de Pádua. A ideia de construir um templo dedicado ao Santo ganhou força quando D<sup>a</sup> Julieta Florêncio de Lima resolveu doar um pequeno terreno ao lado de sua casa para a causa. A doação fortaleceu a ideia e o projeto ganhou outros adeptos, dentre os quais Nô do Benil, José Leonel e D<sup>a</sup> Oscarina Moura e outros.

Foi formada uma comissão para liderar os trabalhos. Ocorre que o terreno doado por D<sup>a</sup> Julieta era muito pequeno e ficava entre casas, o que impossibilitava a construção de uma igreja com tamanho regular. D<sup>a</sup> Oscarina aconselhou que fosse erguida a Igreja no final da rua Santo Antônio (naquela época rua Modesto Caldeira), para que do passeio de sua casa, pudesse avistá-la. Nô do Benil foi então conversar com o senhor Francisco Ferreira, dono de alguns lotes na região onde iriam construir a Igreja. Aconselhado por sua esposa, Francisco doou um lote para a construção da Igreja.

A construção da Igreja teve o início de suas obras em 1950. Um trabalho árduo, cansativo e guerreiro, comandado, exclusivamente, por Nô do Benil do início ao fim. Coube a ele a direção de toda campanha de angariar fundos e administração da execução das obras, contando nessa empreitada com auxílio de muitas pessoas. O padre Abel de Abreu Vouguinha apoiou a causa, mas não auxiliou financeiramente, pois estava construindo o Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima. A igreja foi inaugurada solenemente em 15 de agosto de 1957.

Em 1953, Nô do Benil deixou Piumhi para morar em Goiás. Nessa ocasião, era presidente da Irmandade do Santíssimo Sacramento. Permaneceu naquele estado por alguns anos, mas a saudade de Piumhi, dos seus parentes e amigos o trouxe de volta. Regressou a Piumhi em 31 de dezembro de 1957. Assumiu a vice-presidência da Conferência São Geraldo. Em fevereiro de 1962, Nô estava em Piumhi e participou da reunião que decidiu pela compra do terreno abaixo da Vila Vicentina. Nessa época, também foi lançada a sugestão para criação de um Aprendizado para menores pobres feita pelo confrade Sebastião Pereira de Barros, que foi aprovada, com a participação de Nô. Depois de muito trabalho, o Aprendizado Frederico Ozanam foi construído, registrado e Nô do Benil foi escolhido como seu pri-

meiro presidente. Essa instituição deu capacitação profissional para vários jovens pobres de nossa comunidade, que puderam ser inseridos ao mercado de trabalho. Oferecia cursos de marcenaria, ferraria e corte e costura.

Em 30 de setembro de 1964, ele foi eleito vice-presidente do Conselho Particular. Entre 30 de janeiro de 1966 e 25 de agosto de 1968, foi presidente da Conferência Santa Terezinha. Em 10 de abril de 1966, foi criado o Dispensário São Vicente de Paulo, regido por estatuto e diretoria próprios, sendo Nô do Benil eleito seu primeiro presidente. A instituição deu início às suas atividades em 2 de maio 1966, com o objetivo de distribuir alimentos aos pobres de Piumhi.

No ano de 1968, foi inaugurada a Quadra de Esportes da SSVP, sendo eleito Nô do Benil vice-presidente da administração do espaço. No ano seguinte, devido grande dificuldade em manter os pobres fora das ruas e, consequentemente, o aumento da pobreza, foi criada uma comissão para requerer ao prefeito Querbino Mourão Filho uma verba especial, mensal. Dentre os membros de importante comissão, estava Nô do Benil. Conseguiram do prefeito doação mensal da importância de quinhentos cruzeiros.

Em 12 de abril 1970, os confrades Nô do Benil e Ovídio Arantes de Melo, escolhidos como zeladores da arrecadação foram responsáveis pelas diligências mais difíceis. A partir de 15 de novembro, passou a ser orientador dos trabalhos numa pequena fábrica de colchões que funcionava no aprendizado da SSVP.

Tendo em vista que o Conselho Geral de Paris aprovou a participação de mulheres nas conferências vicentinas, em 9 de julho de 1971, formou-se uma comissão para convidar as senhoras e jovens para participarem da primeira reunião preparatória, visando a concretização deste sonho que seria a instalação de uma Conferência Feminina. Dentre os membros dessa comissão, estava Nô do Benil.

Em 30 de julho de 1976, Nô do Benil participou de movimento encabeçado pelo Conselho Particular de Piumhi, requerendo ao Bispo Diocesano de Luz, Dom Belchior Joaquim da Silva Neto, a permanência em Piumhi do padre Célio Maria D’Amore

ACERVO DO AUTOR



Lutou pelos pobres e conhecia a cada um pelo nome e também a residência de cada um: Eudoro da Costa Lima, o Nô do Benil

-- C.M. como vigário. O pedido não foi atendido e foi designado para Paróquia de Piumhi o padre Wellington Costa.

Nas palavras de Ovídio Arantes de Melo, estudioso da história da SSVP em Piumhi, Nô do Benil representa: “um dos melhores confrades em toda história da SSVP em Piumhi até esta data. Lutou pelos pobres e conhecia a cada um pelo nome e também a residência de cada um. Não tinha dificuldades de distâncias que fazia andando, nunca teve um carro. Católico fervoroso, adorador do Santíssimo Sacramento, membro da Congregação Mariana dos Moços Católicos de Piumhi e dos Irmãos do Santíssimo Sacramento. Era ferreiro, profissão que aprendeu com seu pai Benil da Costa Lima”.

Tinha uma ferraria em terrenos da SSVP e, por muitos anos, ensinou aos jovens pobres a carreira de ferreiro, ajudando muitas famílias com a profissionalização de seus filhos. Antes de iniciar o serviço diário, passava pela capela de São Vicente de Paulo, na Vila Vicentina, para fazer suas orações. Posteriormente, com a construção da Casa dos Velhinhos e a colocação permanente do Santíssimo Sacramento, ele passou a fazer suas orações diárias naquela capela.

Em 11 de janeiro de 2013, Nô do Benil faleceu aos 97 anos de idade, deixando viúva Djarina de Almeida Lima (D<sup>a</sup> Liquinha). Ao analisar a sua história, percebe-se que ele dedicou sua vida à fé e ao socorro material e espiritual dos pobres. Nô do Benil e o filho Toninho: a profissão de ferreiro há mais de quatro gerações na família.

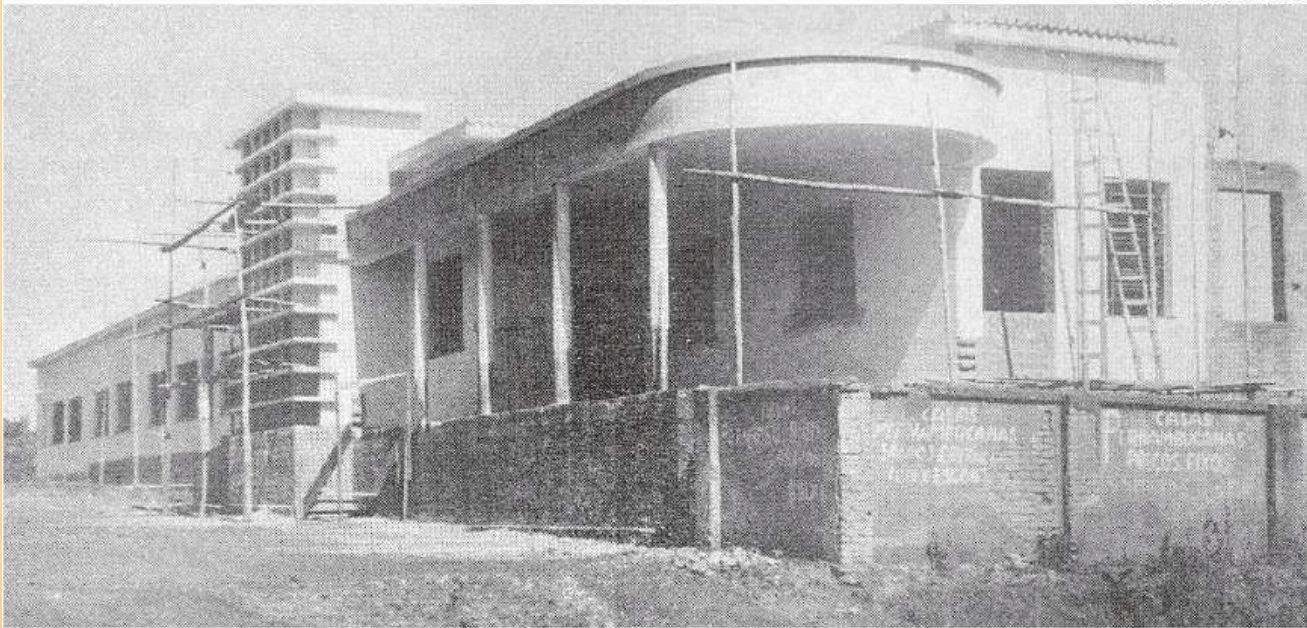
Fale com o autor:  
professorluismelo@gmail.com



Breve História da Escola Estadual Professor João Menezes

# ‘Muitas foram as lutas, decepções e até perseguições pseudopolíticas’

ACERVO DO AUTOR



Em fase final de construção o prédio da Escola Estadual Professor João Menezes inaugurado em março de 1965

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

No sábado, 25 de março de 2023, a Escola Estadual Professor João Menezes completou seus 58 anos de instalação, razão pela qual dedico algumas linhas dessa coluna para narrar alguns apontamentos históricos da instituição. A ideia de dotar nossa cidade de uma escola pública que pudesse oferecer aos jovens carentes uma continuidade nos estudos primários nasceu nos princípios da década de 1950, quando padre Abel de Abreu Vouguinha idealizou a criação do Colégio Santo Antônio, pois pretendia que sua construção se desse nas imediações da Igreja Santo Antônio, na época, um lugar pouco povoado. Embora tivesse a ideia, o padre não tomou nenhuma iniciativa concreta, uma vez que priorizou as construções da Matriz e da Igreja do Rosário, retomando a ideia alguns anos mais tarde.

Em 1952 esboçaram-se os primeiros projetos para a construção do sonhado prédio escolar que oportunizaria a todos, meninos e meninas de Piumhi e cidades próximas, o acesso ao estudo. Até então, apenas alguns privilegiados financeiramente poderiam estudar em escolas particulares existentes em cidades vizinhas. Destacamos ainda a criação do Colégio Técnico “Professor João Machado” pelo professor Theodorico Vieira de Souza.

Ainda nos princípios da década de 1950 foi fundado o “*Ginásio de Piumhi S/A*”, sob a liderança de Francisco Machado de Souza, Heitor Ferreira Hostalácio, Homero Arantes e Ludgero Lima Arantes -- os quais, historicamente, foram denominados fundadores da escola. Essa sociedade visava conseguir recursos de todas as espécies para a edificação do prédio, dividindo “ações de sociedade” da futura escola em troca da ajuda recebida.

Diante da necessidade do lugar para construir-se o prédio, o Club Esportivo América Futebol Clube, resolve doar sua sede para ajudar

na nobre causa. Com parte das paredes levantadas e a estrutura quase pronta, sob a liderança do Padre Abel, a obra foi reiniciada. Já velho e doente, o padre pouco pôde fazer em prol da escola.

Com a morte do Padre Abel, em princípio de 1959, veio para Piumhi o dinâmico Padre Alberico de Souza Santos, que, após algumas atividades na área da saúde, retoma a obra do Colégio. A Sociedade “Ginásio de Piumhi S/A” passou a posse do prédio em construção para as Obras Sociais da Paróquia de Piumhi, aos 21 de setembro de 1962.

Em 1965, Padre Alberico dinamizou os trabalhos de construção, mas não sozinho, buscou auxiliares importantes: Bossuet Costa, Amâncio Cassini Neto, Rômulo Badinhani e a participação decisiva do Reverendo Márcio Moreira, então Pastor da Igreja Presbiteriana de Piumhi -- aos quais chamamos de Instaladores da Escola.

Juntos terminaram a obra, passando a escritura de posse do prédio para o Estado de Minas Gerais em 24 de abril de 1965. Antes disso, porém, toda a papelada burocrática fora organizada pelo professor Rômulo Badinhani, em tempo hábil, permitindo, que em 25 de março de 1965, a Escola Normal Oficial de Piumhi abrisse suas portas à comunidade piumhiense. No primeiro ano matricularam-se 304 alunos, sendo esse acontecimento um marco histórico na história da cidade. Nasceu assim, ao custo de muitas lutas, a nossa escola -- “*Muitas foram as lutas, decepções e até perseguições pseudopolítica. No entanto, a vitória se tornava uma realidade, graças ao trabalho em equipe daqueles homens que se propuseram a levar em frente um ideal, custasse o que custasse*” -- desabafou Rômulo Badinhani.

Em 21 de julho de 1966 o nome da Escola foi alterado para “*Colégio Normal Oficial de Piumhi*”. Em 10 de outubro de 1968, para Colégio Estadual “Professor João

Menezes”. E, finalmente, em 8 de maio de 1974 o educandário passou a denominar-se “*Escola Estadual Professor João Menezes*”, uma justa homenagem a um ilustre farmacêutico e professor de Piumhi.

O primeiro Diretor da Escola foi Padre Alberico de Souza Santos, que se afastou provisoriamente em 20 de agosto de 1975, sendo substituído pela professora Lúcia Silva, que assumiu o cargo em caráter definitivo após a morte do Padre Alberico, em 29 de abril de 1976. A professora Lúcia Silva dirigiu a Escola até 1º de março de 1979; foi substituída pelo professor Euclides Garcia Pereira que ocupou o cargo durante 4 anos. Maria das Dores de Oliveira dirigiu a Escola nos anos de 1983 a 1987; Maria das Dores de Souza Lopes esteve na liderança da instituição em 1988 e 1989. A partir de 1º de agosto de 1989 assume a chefia Maria Inês de Oliveira Pereira, que permaneceu à frente da Escola durante quase 11 anos.

Maria Inês passou o cargo para o professor Francisco de Assis Domela que esteve na direção entre 2000 a 28 de fevereiro de 2007, quando se afastou por problemas de saúde. Foi substituído, internamente, pelo Professor Antônio Carlos da Silveira, o qual assumiu a função em 1º de março de 2007, ocupando-a até 02 de julho do mesmo ano. Em 3 de julho de 2007 assumiu a gestão da Escola a Professora Betânia Moreira da Silva Salgado, permanecendo na função até junho de 2019, quando assumiu a professora Andréia Cláudia dos Santos Castro Aza.

Aquela escola, que nasceu pequenina e frágil, hoje é uma das maiores da região e com um ensino de altíssima qualidade, sempre com aperfeiçoamentos pedagógicos a fim de “*Conhecer o passado, modificar o presente construir um futuro melhor*”, formando, assim, verdadeiros cidadãos.

Registramos aqui a homenagem do **ALTO** aos fundadores e instaladores da escola, ao patrono, aos diretores, aos educadores (professores, especialistas e funcionários), ex-alunos e aos alunos.

Fale com o autor:  
professorluismelo@gmail.com

**LEILÃO EXTRAJUDICIAL nº Baston 42/2023**  
**Todos os horários mencionados no presente Edital sempre se referem ao horário oficial de Brasília/DF.**  
**EDITAL DE LEILÃO DE A alienação fiduciária – Lei nº 9.514/97**

MARCOS RODRIGO CUSTODIO SOARES, Leiloeiro Público Oficial inscrito na JUCEMG Nº 1122, com escritório na Avenida Paulo VI, nº 612, Residencial Paraíso, CEP 14403-143 em Franca/SP devidamente autorizada pela Credora COOPERATIVA DE CRÉDITO DE FRANCA E REGIÃO – SICOOP CRED-ACIF, inscrita no CNPJ sob nº 04.013.172/0001-50, com endereço na Avenida Cláudio da Cruz Ribeiro, nº 2651, Parque do Castelo, CEP: 14403-211, em Franca/SP, nos termos da Cédula de Crédito Bancário – CCB, Empréstimo, nº da cédula: 131428, Atinente ao débito de Empréstimo, no qual figura como Emissor Natividade Trade Importação e Exportação Ltda, inscrita no CNPJ sob o nº 14.571.738/0001-13, com endereço na Rua Venceslau Brás, nº 16, Centro, Andar 13, Conjunto D, CEP: 01016-000, em São Paulo/SP, por meio de seu representante legal FÁBIO DE CARVALHO brasileiro, diretor geral de empresa e representante legal de interesse.



MEMÓRIA PIUMHIENSE

BREVE HISTÓRICO DA CÂMARA MUNICIPAL DE PIUMHI

Legislativo atinge 182 anos de criação neste sábado, 1º

O primeiro presidente da Casa foi o Vigário José Severino Ribeiro que exercia também o cargo de chefe do Executivo



ALTO ARQUIVO

A primeira sede da municipalidade piumhiense foi o casarão da praça Dr. Avelino de Queiroz que na década de 1970 seria demolido para dar lugar ao então Grêmio da Juventude Piumhiense (GJP). No pavimento superior funcionavam a sala de sessões da Câmara, o Tribunal do Júri e o centro de decisões administrativas da Vila. No térreo ficava a cadeia pública. A lista de presidentes foi aberta pelo vigário José Severino Ribeiro ocupante do cargo de 1842 a 1844

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

A Câmara Municipal de Piumhi foi criada pela lei provincial nº 202, de 1º de abril de 1841. Sob a liderança do Vigário José Severino Ribeiro foi organizada uma campanha destinada a angariar recursos financeiros junto aos munícipes para promover o necessário para a instalação da Vila. A emancipação política e administrativa de Piumhi, ocorreu em 7 de abril de 1842, com a instalação da Vila e posse dos sete vereadores e Juizes de Paz, conferida pelo Presidente da Câmara de Vila Nova de Formiga Francisco Machado da Costa. Nesses mais de 180 anos de existência, sua longa trajetória histórica deve ser dividida em alguns períodos: Câmara nos tempos do Império (1842 -- 1889); Câmara Republicana Velha (1889 -- 1930), Câmara da Era Vargas (1936 -- 1937) e Câmara Contemporânea (1847 até os dias atuais). Cada fase conta a sua legislatura. Os períodos de 1930 a 1936 e de 1937 a 1947 não houve Câmara Municipal, pois nosso país estava na égide da ditadura de Vargas.

O primeiro presidente da Câmara Municipal de Piumhi foi o próprio Vigário José Severino Ribeiro que exercia também o poder de chefe do Executivo. Coube a ele e seus companheiros a construção de importantes símbolos da municipalidade: cadeia, forca, chafarizes e pelourinho.

Instalada a Câmara da Vila de Piumhi, iniciou-se a arte da vereança, passando pela presidência da casa inúmeros personagens que deixaram suas marcas na história de nosso município. Até 1889 nossa Câmara seguiu as regras estabelecidas pelo Império.

Com o advento da Proclamação da República, ocorrida em 15 de novembro de 1889, surgiram algumas mudanças. A Câmara Municipal na Primeira República ou República Velha funcionou até 1930, quando Getúlio Vargas ascendeu ao poder federal por força da Revolução de 1930. O novo presidente desejando neutralizar a força política e eleitoral dos coronéis dissolveu a Constituição de 1891 e extinguiu o poder legislativo federal, estadual e municipal. Para governar os Estados foi criado o cargo de Interventor e para os

municípios o de Prefeito que substituiriam os antigos Presidente de Estado e Intendentes (Presidente da Câmara) -- a diferença é que os cargos anteriores eram eletivos e novos nomeados. Assim de 1930 até 1936 não houve Câmara Municipal e Piumhi ou em qualquer outro lugar do país. Nessa época, Piumhi assistiu a destituição do Coronel Fidélis Teixeira de Vasconcelos de seu cargo de Presidente da Câmara e sua substituição pelo prefeito João Alberto da Fonseca que governou através da emissão de decretos.

A Constituição de 1934 permitiu a reabertura das casas legislativas no Brasil e a Câmara Municipal de Piumhi foi solenemente reinstalada no dia solenemente em 27 de julho de 1936 com a presidência de Manoel Hermeto Júnior. O primeiro ato da nova Câmara, ao que parece, foi eleger o prefeito de Piumhi através de eleição indireta recaindo a vitória sobre Álvaro Arantes que obteve 6 votos enquanto João Leite Praça totalizou 4 votos. A nova Câmara funcionou até 5 de outubro de 1937, visto que o golpe do Estado Novo impetrado por Getúlio Vargas extinguiu novamente as casas legislativas no Brasil. Nossa cidade, novamente, passou a ser governada por decretos emitidos pelo Prefeito Manoel Hermeto Júnior e depois Rodolfo de Freitas Mourão.

A fase atual das câmaras municipais no Brasil surgiu após a redemocratização do

país, isto é, a partir de 1945. Foram realizadas eleições diretas para prefeito e vereador em 23 de novembro de 1947. A nova Câmara de Piumhi foi solenemente instalada em 18 de dezembro de 1947 em sessão presidida pelo Juiz Eleitoral Dr. Alfredo Chaves Guimarães. A Câmara era composta de 11 vereadores e a presidência coube ao Dr. Jamil Caran. A Composição da primeira legislatura da fase contemporânea da Câmara Municipal de Piumhi era: Dr. Jamil Caran (Presidente), José César Augusto Maia (Vice-presidente), Joaquim Arantes (Secretário), Dr. Vitrasiano Leonel da Silva, Geraldo Gomes da Silva, João Menezes, Nelson Pereira de Barros, Higinio Pinto Vidal e José da Mata Oliveira, Dr. Oscar Soares Machado e Antônio Rui Almada (assumiu no lugar de José Alves de Melo -- impedido por ser cunhado de José da Mata Oliveira).

Depois de 182 de criação e 181 anos de instalação, a Câmara Municipal de Piumhi está na sua 19ª legislatura, sendo presidida pelo vereador Wilde Wélis de Oliveira, tendo João Marcos Macedo Silveira como vice-presidente, Reinaldo dos Reis Silva secretário e Carlos Leonel de Oliveira segundo-secretário. Completam a bancada os vereadores Shirley Elaine Gonçalves Faria, Fábio Henrique Novacs Ferreira, José Welington da Silva, José Antônio de Camargo Júnior e Gilvan Antônio da Silva.

Fale com o autor:  
professorluismelo@gmail.com







CURSINHO

MATEMÁTICA PARA O ENEM 2023

VENHA SE PREPAR GRATUITAMENTE!

INSCREVA-SE



- Aulas presenciais - quinzenais:



Terças-feiras: 15:00 às 16:40 horas.

Sextas-feiras: 13:00 às 14:40 horas.

- Simulados on-line: Moodle



ifmgaprova@ifmg.edu.br

MELO, Luís Augusto Júnio. Legislativo atinge 182 anos de criação neste sábado, 1º: breve histórico da Câmara Municipal de Piumhi. **Alto S. Francisco**. Piumhi, ano 102, 2 abr. 2023. Memória Piumhiense, p. 2.



# Tenente Álvaro Moreira da Silva: uma vida dedicada à busca pelo conhecimento, ao trabalho e à administração pública (I)

## O ‘tocador de obras’ que colocou a máquina da PMP a rodar nos trilhos

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

Álvaro Moreira da Silva nasceu em 12 de agosto de 1918, na cidade de Serranos, no Sul de Minas. Seus pais foram Arlindo Rodrigues da Silva e Dolores Moreira da Silva. Permaneceu em sua terra natal até a idade de 6 anos, quando foi morar com parentes na cidade do Rio de Janeiro, então capital federal. A vida na cidade grande não era fácil. Para ajudar no sustento da casa, começou a trabalhar aos 8 anos de idade como vendedor de jornais e balas nos bondes. Intercalou o trabalho com as lições escolares e desde cedo demonstrou ser um aluno muito interessado.

Na medida em que se aprofundava na arte do conhecimento, percebia que poderia galgar patamares cada vez mais altos. Aos 16 anos, tomou a decisão de seguir a carreira militar, apresentando-se como soldado voluntário no Corpo de Fuzileiros Navais -- Unidade de Infantaria da Marinha Brasileira. O primeiro passo foi dado, fazendo nessa instituição todos os cursos de sua especialidade, com destaque especial para a Especialização no Centro de Instruções do Corpo de Fuzileiros Navais e no Exército. Essa especialização foi o portal de embarque para o quadro de Oficiais dos Fuzileiros Navais, formando-se como o primeiro aluno de sua turma.

Serviu ao Corpo de Fuzileiros Navais por muitos anos. Exerceu funções de alta responsabilidade e destaque dentro e fora de sua especialidade. Durante a Segunda Guerra Mundial (1939/1945), na ocasião em que o Brasil iniciou a fabricação de munição antiaérea, na Diretoria de Armamentos da Marinha, coube ao jovem oficial Álvaro, em razão de sua perfeita pontaria, experimentar esses artefatos, emitindo pareceres para a sua melhoria e aprimoramento.

Atuou em várias áreas da Marinha, com destaque para navios e ilhas. Encarregou-se de funções no Serviço de Comunicação do Corpo de Fuzileiros Navais, durante o período difícil da Guerra. Foi respon-

sável pelo Serviço de Intendência do Presídio Naval das Ilhas das Cobras, no Rio de Janeiro, mesmo presídio em que Tiradentes esteve preso na época da Devassa (Processo) da Inconfidência Mineira. Durante quatro anos, exerceu funções no serviço Geral de Intendência do Corpo de Fuzileiros Navais, onde foi instrutor de Infantaria e exerceu várias outras funções. Porém, o seu grande orgulho era contar que serviu na Presidência da Re-

pública por quatro anos, sendo dois durante o governo de Getúlio Vargas e os outros dois na presidência do General Eurico Gaspar Dutra.

Ainda a trabalhar pela Marinha (Corpo de Fuzileiros Navais), teve a oportunidade de empreender inúmeras viagens marítimas. Em 1957, fez uma com seis meses de duração, permitindo-lhe percorrer a Europa, a África e as Ilhas Intermediárias.

Pelos relevantes serviços prestados à instituição que integrou, recebeu várias condecorações, com destaque para a Medalha Naval de Serviços de Guerra, prestados durante a 2ª Guerra Mundial, ao lado dos Estados Unidos, contra os países do Eixo. Em 1961, pediu transferência para a Reserva da Marinha. Por decreto de 13 de outubro de 1961, o presidente da República o promoveu ao posto de 1º Tenente e, em 31 de dezembro do ano seguinte, Álvaro recebeu a Carta Patente, que lhe garantiu as Honras, Isenções, Liberdades e Privilégios que lhe cabiam como Oficial das Forças Armadas, conforme o disposto na Constituição da República.

Álvaro Moreira casou-se com Zilah Henriques Moreira da Silva, no Rio de Janeiro e, desse casamento, teve duas filhas. Ficou viúvo precocemente. Em 1964, transferiu residência para Piumhi. Nesta cidade, casou-se pela segunda vez, no dia 16 de maio de 1964, com Dona Norma



ACERVO DO AUTOR

O ex-prefeito de Piumhi Álvaro Moreira da Silva

Bruno Moreira da Silva, proeminente membro de renomada e tradicional família piumhiense. Esse casamento gerou cinco filhos e a família era sua verdadeira paixão, nutrindo um carinho muito especial pelos netos.

Desde que chegou a Piumhi, dedicou-se a prestar serviços à comunidade. No PTC -- Piumhi Tênis Clube, foi eleito presidente do Conselho Deliberativo, em 1966, sendo reeleito em 1969. Depois, novamente eleito para essa função para o biênio 1974/1975 e reeleito em 1976. Eleito presidente para o biênio 1971/1972; reeleito por mais os biênios consecutivos em 1972/1973 e 1973/1974. Como presidente do PTC, época em que o Clube tinha péssimas condições financeiras, conseguiu, por seu empreendedorismo, levantar o patrimônio, restaurando completamente o imóvel da sede, praticamente dobrou o número de sócios, dando aos piumhienses um clube equilibrado financeiramente e com as suas instalações modernas, composto por bares, saunas e quadra de esportes. Projetou a construção de uma piscina olímpica, pensando em revelar talentos na natação, mas o tempo e os recursos não foram suficientes para a execução do projeto.

Na próxima semana o segundo e último capítulo do resgate histórico do ex-prefeito Álvaro Moreira da Silva.

Fale com o autor:  
professorluismelo@gmail.com



Tenente Álvaro Moreira da Silva: uma vida dedicada à busca pelo conhecimento, ao trabalho e à administração pública (II)

## PTC Campestre: um dos muitos legados do ‘Tocador de Obras’

ALTO ARQUIVO

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

Álvaro Moreira da Silva foi responsável pela organização de grandes desfiles cívicos, dentre os quais o de 1968, que celebrou o primeiro centenário de Piumhi. Nesse espírito de amor ao próximo e de ajudar os mais necessitados, foi eleito presidente do Rotary Club de Piumhi, para o ano rotário 1969/1970.

Dono de uma inteligência acima da média, decidiu compartilhar seus conhecimentos com a mocidade piumhiense, atendendo a um convite do professor Teodorico Vieira de Souza para lecionar no Colégio Técnico e Comercial Professor João Machado, função que exerceu com brilhantismo e dedicação por 8 anos. Trabalhou também em outras entidades na cidade e na zona rural, não tendo jamais aceitado pagamento por seus serviços prestados.

Até 1976, sempre foi alheio à política, exercendo apenas o seu direito de cidadania através do voto. Mas, motivado pelo desejo de ajudar cada vez mais o próximo e tornar Piumhi um lugar melhor, decidiu atender pedidos de amigos, tornando-se candidato ao cargo de prefeito municipal. O contexto político nacional era o da abertura democrática, em que vários partidos estavam se formando e emergindo. A ARENA (Aliança Renovadora Nacional) lançou três candidatos nas eleições de 15 de novembro de 1976: Querobino Mourão Filho (ARENA 1), Tenente Álvaro Moreira (ARENA 2) e Américo Arantes (ARENA 3). O MDB também lançou três candidatos: José Garcia da Silva (Zé Agreny), Teotil Garcia Pereira e Tomaz de Moraes Souza. Apurados os votos, o candidato do MDB, José Garcia da Silva, foi o mais votado. Mas a legenda da ARENA obteve mais votos, sendo declarado eleito o candidato mais votado deste partido: Álvaro Moreira da Silva. Ele tomou posse como prefeito em 31 de janeiro de 1977. No dia seguinte, assumiu a direção do município. Pela primeira vez, um oficial da Marinha se ele-

gia prefeito de Piumhi, fato inédito em Minas Gerais.

Sua preocupação inicial foi organizar o sistema administrativo e equipar a Prefeitura Municipal para um eficiente desempenho. Dentre as suas reformas, estabeleceu que o recebimento de taxas e impostos deveria ser feito através da rede bancária e não mais no balcão da prefeitura, eliminando, dessa forma, o favoritismo. Estabeleceu normas rígidas para o cumprimento das leis e criou um governo pautado no direito e na justiça. Durante o seu mandato, estava no seu gabinete desde as primeiras horas da manhã e procurava visitar pessoalmente as obras e orientar seus operários e funcionários.

Criou a Escola de Samba Mocidade Unida Piumhiense, em 1977, e estimulou seu desenvolvimento através de premiação em dinheiro. Essa agremiação abria o carnaval de rua de Piumhi, que se tornou tradicional ao longo de vários anos. Ainda como prefeito, calçou e estendeu a rede de água e esgoto de mais de 50% nas ruas da cidade. Reformou 5 e ampliou 11 escolas rurais, construiu a Escola “Dona Lidinha”, no bairro periférico da cidade, construiu o Terminal Rodoviário “Deputado Humberto de Almeida”, construiu o prédio onde funcionou, por muitos anos, o Supletivo e a Biblioteca Pública. Para o calçamento das ruas, instalou 2 fábricas de bloquetes, diminuindo o custo e aumentando a possibilidade de calçar mais ruas.

Enfrentou forte oposição da Câmara Municipal, ainda que tentasse persuadir os edis para um governo livre de paixões políticas e partidárias. Recebeu



Álvaro Moreira, um oficial da Marinha no comando da Prefeitura de Piumhi de 1977 a 1983

muitos ataques objetivando a cassação do prefeito, mas sem razão jurídica, pois se manteve até o final de seu mandato, em 1982. Candidatou-se novamente ao cargo de prefeito, em 1988, mas não foi eleito.

Afastado definitivamente da política, decidiu voltar a uma de suas paixões, o Piumhi Tênis Clube (PTC). Elegeu-se presidente da instituição em quatro biênios consecutivos: 1989/1990, 1991/1993 e 1993/1995 e 1995/1997. Nessa etapa da administração, conseguiu construir a Sede Campestre, uma obra arrojada que somente uma administração competente e dinâmica seria capaz de retirar do projeto.

O tenente Álvaro amou muito Piumhi. Com seu intelecto e sua prestatividade, contribuiu para o bem da cidade, razão pela qual é digno merecedor desta homenagem. Faleceu em Piumhi, em 16 de abril de 2015, aos 97 anos de idade. Seu corpo foi velado no auditório da Câmara Municipal de Piumhi, em seguida, trasladado para Belo Horizonte, onde foi cremado. Seu legado muito contribuiu para o engrandecimento de nossa terra.

Fale com o autor:  
professorluismelo@gmail.com



# Tiradentes: de traidor da Coroa a herói da república

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

Nesse espaço sempre publicamos alguns capítulos da história de Piumhi através de relatos biográficos de personagens e o relato de alguns fatos históricos que marcam a memória de nossa cidade. Hoje, trago uma crônica diferente: trago alguns apontamentos sobre a história de Tiradentes, faço isso por dois motivos: primeiro pelo feriado de 21 de abril e segundo para contemplar os pedidos de alguns leitores de nossa Coluna.

Joaquim José da Silva Xavier, conhecido como Tiradentes é considerado pela história do Brasil um protomártir da independência em razão de ter liderado o primeiro movimento emancipacionista do Brasil. Nasceu na Fazenda Pombal, entre Tiradentes (antiga São José del Rei) e São João del Rei, no ano de 1746. Era o quarto dos sete filhos do português Domingos da Silva Santos e de dona Maria Antônia da Encarnação Xavier. Aprendeu a ler com seu irmão mais velho. Aos 11 anos já era órfão de pai e mãe, sendo criado na casa de seu padrinho Sebastião Ferreira Leite que lhe ensinou noções de odontologia, tornando-se dentista prático, daí o apelido de Tiradentes. Além disso, foi boticário (farmacêutico), tropeiro, mascate, minerador e militar com o título de Alferes. O exercício de tantas funções fizeram acumular ao longo dos anos algum patrimônio.

Desde a sua descoberta, o ouro em Minas Gerais era arrancado de forma totalmente predatório, razão pela qual com o passar do tempo as minas fossem, naturalmente, se esgotando e impossibilitando que os impostos régios de cem arrobas anuais de ouro por região fossem pagos, de modo que os mineradores ficaram endividados com o fisco português. A notícia da “Derrama”, cobrança compulsória dos impostos atrasados aterrorizou os mineradores que começaram a tramar contra a Coroa Portuguesa. A trama chamava-se Inconfidência Mineira e Tiradentes era um de seus principais líderes, junto com Cláudio Manoel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga, Padre Correia de Toledo e tantos outros. Os objetivos dos revoltosos eram bem claros: independência do Brasil com a implantação de uma república, fundar uma universidade em Vila Rica -- hoje Ouro Preto (até então não havia nenhuma no Brasil),

fim do monopólio comercial português, serviço militar obrigatório e industrializar o Brasil.

Feito Judas a Jesus, o inconfidente Joaquim Silvério dos Reis traiu o movimento e delatou a inconfidência. Em 10 de maio de 1889, Tiradentes foi preso e respondeu a longo processo denominado “Devasa”. Condenado à pena de morte e ao esgarçamento numa sentença que parecia mais uma excomunhão do que uma condenação judicial. Teve a sentença executada no Rio de Janeiro no dia 21 de abril de 1792. Tirantes passou a ser uma vergonha nacional, símbolo de traição à Portugal. Caiu no esquecimento e veio a independência em 1822, mas a adoção da monarquia como forma de governo manete Tiradentes no esquecimento e a Inconfidência Mineira não era lembrada para não ofuscar o brilhantismo de Dom Pedro I na construção da independência do Brasil.

Na década de 1870 começa a surgir as ideias republicanas e com passar do tempo elas vão ganhando espaço e força. Em 15 de novembro de 1889 os militares proclamam a República no Brasil. É aí que a história de Tiradentes foi resgatada dos baús da história. Os republicanos precisavam de um herói que simbolizassem a sua luta política: Tiradentes era o ideal pois fora para eles mártir da independência e o primeiro a defender a causa republicana. Assim, procuraram construir um herói, na figura de um persona-

gem adormecimento e desconhecido por cem anos. O gênio Pedro Américo teve a ideia de construir imagens de Tiradentes através de quadros sempre comparando-o com a figura de Jesus Cristo: cabelos e barbas, longas, sofrimento e martírio – um na cruz e outro na forca, morte injusta. Parece que não mas a estratégia era proposital: subliminarmente construir em Tiradentes um herói através de sua semelhança com Jesus Cristo. A estratégia deu certo e de bandido Tiradentes se torna o maior herói da história brasileira, único humano digno de um dia no calendário com marca vermelha de feriado. A data é considerada feriado desde 14 de janeiro de 1890 em razão de um decreto assinado pelo chefe do Governo Provisório marechal Deodoro da Fonseca. Verdade seja dita: não existe uma imagem real de Tiradentes, todas foram construídas por artistas que o idealizaram da forma que representaram.

É certo que Tiradentes teve seus méritos pela luta política em favor da separação, mas é também que a sua condição de heroísmo foi nitidamente construída pelos republicanos. Cada qual defende seus interesses e qual é o herói que construímos em nossas vidas... Quais são os heróis da história de Piumhi?

Fale com o autor:  
professorluismelo@gmail.com



**Tiradentes: patrono da Polícia Militar de Minas Gerais – à esquerda imagem antiga utilizada nas fardas policiais, um Tiradentes barbudo e de cabelo longo, e à direita a imagem das atuais fardas, um Tiradentes com chapéu militar e sem barbas**



CARTA REVELA PERFIL SENTIMENTAL DO PADRE ALBERICO (I)

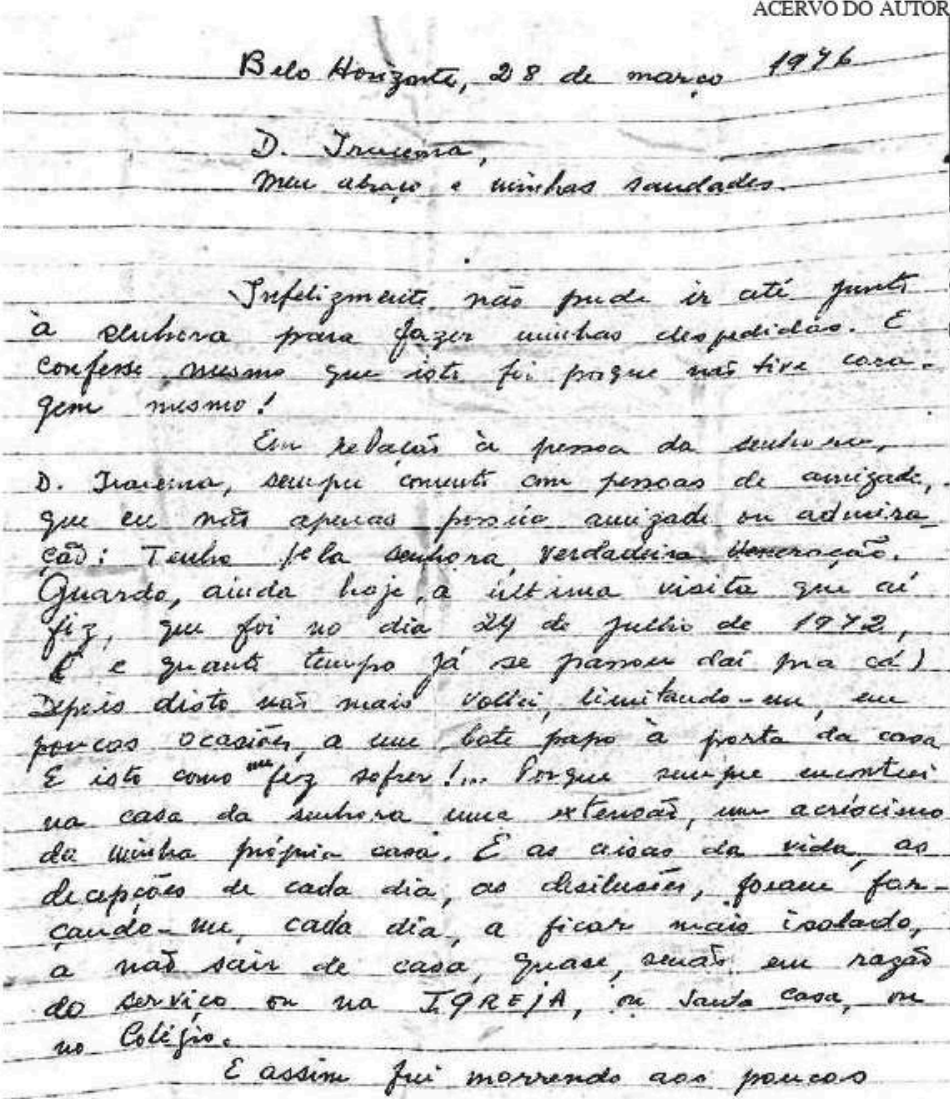
‘E assim fui morrendo aos poucos’, revela em carta

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

No final do mês de abril completa 47 anos da morte do saudoso padre Alberico de Souza Santos. Natural de Estrela do Indaiá, o padre Alberico, assumiu a Paróquia Nossa Senhora do Livramento em 1959, logo após a morte do padre Abel Vouguinha. Em Piumhi revolucionou a história da cidade, tomando-se um marco divisor em sua história: reabriu a Santa Casa, construiu a Escola Estadual Professor João Menezes, o lar São José com auxílio da Dona Nolvina Alvarenga e adaptou a Igreja Católica conforme as decisões do Concílio Vaticano II. Trabalhou incansavelmente como pároco de Piumhi, diretor da escola e provedor da Santa Casa -- parece impossível que uma pessoa só conseguisse acumular tantas funções e desempenhá-la tão bem como ele fazia. O resultado de tanto esforço físico e mental, naturalmente, resultou em estresse e estafa que acabou culminando no seu licenciamento do sacerdócio e da direção do colégio, embora há muitos que digam que seu licenciamento foi por desejar se lançar candidato a deputado estadual. Manteve-se até sua morte na direção da Santa Casa e trabalhando na Assembleia Legislativa de Minas Gerais ao lado do deputado João Ferraz.

Há alguns meses chegou em minhas mãos uma carta do padre Alberico à Dona Iracema Cassini Praça. O documento, apesar de amarelado está muito bem conservado e revela um perfil sentimental do padre até então desconhecido de todos. Em tons de confidências o padre se revela um ser humano cansado, deprimido e necessitado de desabafo. A carta data 28 de março de 1976, ou seja, um mês e um dia antes de sua morte. Atravessou três gerações para ser exposta à sociedade piumhiense. Me foi entregue pela neta de Iracema, Maria Izabel, a quem registro os meus agradecimentos por compartilhar tão importante documento de nossa história.

A epístola, foi escrita em Belo Horizonte e é constituída de três páginas médias. Inicia com uma breve saudação: ‘Dona Iracema, Meu abraço e minhas saudações’. Inicia a carta fazendo uma justificati-



Parte da carta enviada pelo Padre Alberico um mês e 1 dia antes de sua morte

va: ‘Infelizmente não pude ir até junto à senhora para fazer minhas despedidas. E confesso mesmo que isto foi porque não tive coragem mesmo!’. Segue o sacerdote declarando sua amizade à destinatária: ‘Em relação à pessoa da senhora, D. Iracema, sempre comento com pessoas de amizade, que eu apenas não possuía amizade ou admiração: tenho pela senhora verdadeira veneração. Guardo, ainda hoje, a última visita que aí fiz, que foi no dia 24 de julho de 1972. E quanto tempo já se passou daí para cá? Depois disso não mais voltei, limitando-me, em poucas ocasiões, a um bate papo à porta da casa. E isto como me fez sofrer!... Porque sempre encontrei na casa da senhora uma extensão, um acréscimo da minha própria casa’. Interessante observar o espírito de gratidão e reconhecedor do padre e ao mesmo tempo a memória se guardar para si a data da visita mesmo tendo se passado quatro anos.

A partir desse ponto, padre Alberico, deixa de agradecer e passa a seguir um tom de desabafo: ‘E as coisas da vida, das decepções de cada dia, as desilusões, foram forçando-me cada dia a ficar mais isolado, a não sair de casa, quase, senão em razão do serviço ou na IGREJA, ou Santa Casa, ou no Colégio.

E assim fui morrendo aos poucos pela ausência de contatos amigos e transformando apenas em uma pessoa que muitas vezes servia de tudo para os interessados e não servia de nada para mim e meus amigos’. O desabafo demonstra um padre Alberico estressado, cansado e desiludido com mundo. Em conversa com a psicóloga, Maria Izabel, a mesma que me cedeu a carta, explicou: ‘as características descritas pelo padre revelam um quadro depressivo e que necessitava de auxílio urgente. Talvez pela sobrecarga de trabalho ou até mesmo pelas desilusões que vinha sofrendo ano após ano, levando-o ao isolamento. Minha avó era uma pessoa de confiança, por isso ele desabafou sem medo de demonstrar o que estava sentindo e passando’.

Um ponto que merece destaque é o fato do padre destacar a palavra ‘Igreja’ colocando-a com letras maiúsculas o que demonstra a possibilidade de ser o local onde estivesse sofrendo as suas maiores decepções e desilusões. Na próxima edição continuaremos analisando a carta do padre Alberico à dona Iracema, em homenagem ao grande sacerdote que muito fez por nossa cidade e faleceu há exatos 47 anos.

Fale com o autor: professorluismelo@gmail.com



CARTA REVELA PERFIL SENTIMENTAL DO PADRE ALBERICO (II)

# As últimas confidências

ALTO ARQUIVO



Já velho, com um pouco ainda de forças e de coragem, mas com muita esperança de poder vencer', Padre Alberico

**LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO**

Inicialmente peço desculpas aos leitores do ALTO por não ter conseguido produzir a crônica em tempo hábil para a publicação. Hoje, porém daremos continuidade a análise de uma carta escrita pelo Padre Alberico à Dona Iracema Cassini Praça, exatamente um mês antes de sua morte. Na primeira parte vimos um padre deprimido e que dizia estar 'morrendo aos poucos'.

O padre continuou seu desabafo com Dona Iracema: 'Acresce ainda, Dona Iracema, o fato de que eu receava sempre causar descontentamentos entre os meus amigos e disto eu tinha certeza que acontecia, aumentando ainda mais a minha coragem de não mais sair de casa para visitar outras pessoas'. Seguindo ele volta a falar de sua cansativa rotina de trabalho: 'Domingo que eram e são dias livres para todos, menos para mim, como padre, se transforma numa caixa de angústia e sofrimento. Por isso, D. Iracema, é que saí de nossa terra. Não porque entenda ser uma pequena cidade ou isto ou aquilo, mas porque já não me encontrava

mais comigo mesmo, porque eu ao invés de somar já começava a dividir e assim vou começar tudo de novo, já velho, com um pouco ainda de forças e de coragem, e até alguma ilusão na vida, mas com muita esperança de poder vencer'.

Continuando, o padre pede orações: 'E espero contar sempre com as valiosas orações da senhora, daí de sua cadeira de palhinha ou do leito onde estiver dormindo, porque sei, muito valiosas as suas orações diante de Deus. E eu que sempre me honrei de poder contar para os outros o quanto me orgulhava e me orgulha a amizade da senhora, e na pessoa de D. Iracema estou englobando toda família, maior convicção ainda eu tenho do valor das minhas conquistas futuras baseadas na ESPERANÇA de suas orações calcadas mesmo em muita fé em Deus'.

Seguindo o padre muda os rumos da carta caminhando para uma despedida: 'Não sei quando ainda, mas logo que tenha condições devo voltar à nossa terra. Espero encontrar oportunidade para poder visita-la pessoalmente, se Deus quiser. Faço votos ainda que a senho-

ra continue a ter muita saúde e disposição pois isto será sempre motivo de muita alegria para todos nós. Não sei se já aconteceu ou não. Mas se não aconteceu ainda entendo que é tempo da senhora exigir: uma televisão a cores. Quando estava aí pegava muito bem mesmo. Em certos dias piorava. Mas até que era muito boa. Quando o Guilherme ou Vander estiverem aí fala com eles. A Vera vai achar muito boa a ideia, eu tenho certeza, porque um TV a cores custa muito barato, mesmo! Por hoje é só! Recomendações para todos. Saudades e muita amizade do amigo grato. Alberico Santos'.

Infelizmente, a visita prometida nunca ocorreria porque um mês depois de ter escrito essa carta o padre Alberico faleceu vítima de um acidente automobilístico, deixando a cidade paralisada com o acontecimento. Agradeço à Maria Isabel e Celuta Machado por terem disponibilizado essa carta e nos permitido enxergar um lado desconhecido do nosso saudoso padre Alberico.

Fale com o autor:  
[professorluismelo@gmail.com](mailto:professorluismelo@gmail.com)



# Aurora da Cunha: 84 anos de muito amor, fé e resignação

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

Na crônica de hoje quero homenagear uma heroína que completou 84 anos de idade no último dia 20. Seu nome é Aurora Rodrigues da Cunha. A pequena palavra ‘Aurora’ carrega um significado muito profundo: designa o ‘*período anterior ao nascer do sol, quando este já ilumina a parte da superfície terrestre*’, e noutro sentido *pode ser entendido como “princípio ou origem”*. Pensando no significado da palavra entendemos as razões de sua iluminada personalidade. Ela nunca exerceu funções políticas e nem ocupou cargos de realce social, mas construiu e continua construindo a sua existência sobre os alicerces sólidos da humildade, simplicidade, honestidade, amor e fé.

O marco inicial de nossa história ocorreu por volta de 1910, quando José Rodrigues da Cunha e Maria Cândida de Jesus se casaram. Ele, solteiro, natural do então Distrito da Pimenta, filho legítimo de Antônio Rodrigues da Cunha e Carlota Maria Jesus. Ela, também natural do distrito da Pimenta, solteira, filha legítima de José Rodrigues Chaves Maria Joaquina de Miranda. Após o casamento, o casal fixou residência na fazenda de Olhos d’Água de propriedade de Joaquim Batista da Costa (avô do Dr. Adir), onde José Rodrigues prestava os seus serviços de lavrador, extraíndo desse trabalho o seu sustento e o de sua esposa. Com o passar dos anos o lar foi coroadado com oito filhos: 1) Maria Cândida da Cunha, nascida no dia 02 de junho de 1911, casou aos 17 anos, em 25 de agosto de 1928, com Antônio Clemente de Oliveira (ele com 40 anos e viúvo de Maria Oliveira); 2) Dermina (alguns documentos constam Delmira) Rodrigues da Cunha, nascida em 27 de novembro de 1912, possuía uma deficiência e morreu solteira -- dona Aurora se lembra de deitar e dormir no colo dela enquanto ela aafagava os seus cabelos, ela morreu antes de 1951, motivo de grande tristeza para Aurora, pois perdera sua grande companhia; 3) Rosalina Rodrigues Cunha, nascida no dia 17 de setembro de 1914, casada com Geraldo Gonçalves da Silva, 4) Antônio Rodrigues da Cunha, nascido no dia 1º de agosto de 1916, casado com Maria das Dores (Nazinha), falecido em Piumhi no dia 24 de fevereiro de 1990, deixando os filhos: Jura-cí, Maria, Doralice e Doraci; 5) José Rodrigues Filho, nascido em Pimenta no ano de 1920, casado com Benvinda Batista; 6) Salvador Rodrigues de Oliveira, nascido no dia 5 de novembro de 1929, casado eclesiasticamente com Maria Francisca Tomé (Lília) em 12 de julho de 1952, na presença das testemunhas Francisco Júlio Ferreira e Joaquim de Paula Rosa; 7) Waldivino Rodrigues da Cunha, nascido no dia 1º de setembro de 1935, falecido aos 29 de novembro de 1936 e sepultado no antigo cemitério de Pimenta; 8) Aurora Rodrigues da Cunha.

Aurora nasceu na Fazenda Olhos d’Água, onde residia seus pais, no dia 20 de maio de 1939. Tão logo, o senhor José Rodrigues e Dona Maria Cândida, levaram a pequenina menina para ser batizada na Matriz de Piumhi no dia 09 de julho do mesmo ano. Chegando lá depararam com um padre português de nome Abel de Abreu Vouguinha que falava um péssimo português e batizou a menininha na presença dos padrinhos Joaquim Batista da Costa e Maria das Dores de Jesus. Depois do batismo retornaram para a casa – imaginem como era penosa ‘uma viagem da *‘Mata das Frutas’* até Piumhi, sempre feita à pé ou no lombo de um cavalo, e, nesta situação carre-

gando uma bebezinha recém nascida ao colo (por volta de 25 quilômetros).

A vida daquela família não era fácil. Os pais procuravam socorrer os filhos em todas as suas necessidades, mas os recursos não eram muitos. Acometido por uma broncopneumonia Waldivino entregou a alma à Deus às 10 horas do dia 29 de novembro de 1936. O pai, comovido pela dor teve que transportar juntamente com ajudantes o corpo do pequenino menino de pouco mais de um ano para ser encomendado e sepultado no antigo Cemitério arraial de Pimenta. Era outra

penosa viagem de quase trinta quilômetros. Contam que ao retornar do enterro, José Rodrigues ficou sabendo do falecimento de outro filho seu, um criança recém-nascida, que acredita sequer foi batizada, vez que não foi encontrada nos registros paroquiais. Àquela situação causou desespero e tristeza tão profunda que chorando o patriarca teria desabafado: “*poderia ter morrido todos de uma vez*”. É óbvio que esse não era do desejo do velho José Rodrigues, mas uma forma de demonstrar o seu sentimento de tristeza e cansaço da dureza da vida e dos percalços que tinha que transpor.

Aurora e seus irmãos foram criados no lugar onde nasceram: embora maioria registada e batizada em Pimenta, o local onde viviam era município de Pains. Quando adultos cada um foi seguiu o seu rumo: se casaram e construíram as suas próprias famílias. O patriarca da família, José Rodrigues da Cunha, faleceu em Piumhi, aos 61 anos de idade, na casa do filho Salvador Rodrigues de Oliveira localizada na Rua Getúlio Vargas, às 8 horas da manhã do dia 10 de janeiro de 1951, tendo como causa da morte ‘*insuficiência cardíaca congestiva, decorrente de lesão mitral (esteriose)*’, conforme atestado do Dr. Francisco Xavier. O falecido foi sepultado no Cemitério de Piumhi. Nessa ocasião dona Aurora tinha apenas 12 anos de idade. Com a morte do patriarca, a vida na roça tornou impossível, motivo pelo qual a família transferiu residência para Piumhi. Foram residir na rua 18 do Forte. Dona Maria Cândida de Jesus, a matriarca, faleceu em Piumhi, aos 55 anos, às 15 horas do dia 4 de outubro de 1957, tendo como causa da morte “*Assistolia e Miocardite*”, conforme atestado do Dr. Oswaldo Soares Machado - dona Aurora diz não gostar do tempo de cigarra por que lembrava da ocasião da morte de sua mãe, não guardou a data, mas lembra a época: outubro.

Aurora Rodrigues se casou, aos 16 anos de idade, na Matriz de Nossa Senhora do Rosário de Pimenta, no dia 25 de junho de 1955, com José Geraldo Filho (Juquita). O casamento foi celebrado pelo padre André Rondonó e testemunhado por Sebastião Rodrigues de Faria e Liberalino Menino de Oliveira. O noivo contava seus 23 anos de idade, era filho legítimo de José Geraldo da Costa (Zé Ica) e Ana Teodoro de Macedo (Sanica), nascido em Pimenta aos 13 de fevereiro de 1932 e batizado na Paróquia de Pimenta no dia 19 do mesmo mês e ano. Pelo que consta a família de Juquita não eram muito favorável ao casamento e o novo casal teria ouvido algumas vezes a

ÁLBUM DE FAMÍLIA



Dª Aurora, nascida em 1939 na fazenda Olhos D'Água

frase: ‘*Vamos ver se dois sacos vazios param em pé*’. O preconceito ocorreu em decorrência do noivo ser membro de família rica e tradicional e a noiva ser originária de família mais humilde.

O casamento nasceu numa situação difícil: sendo colocados à prova. Fixaram residência no antigo casarão da família, juntamente com a já idosa Maria Verônica da Costa (Dindinha), mãe de Zé Ica. Ali, iluminados pelo Espírito Santo e pelo amor que sentiam um ao outro venceram e consolidaram a família que se propuseram construir. Daí, pouco depois, partiram para outra propriedade. Não demorou muito tempo para que nascesse o primeiro filho do casal que recebeu o nome de José Eustáquio da Costa, nascido no dia 17 de julho de 1956. Após o primogênito formou-se uma escadinha: Gaspar José da Costa, nascido no dia 09 de março de 1958; Enedina Maria da Costa, falecida quando criança; Rosimar Rafael da Costa, nascido no dia 16 de dezembro de 1960; Maria Imaculada da Costa Oliveira, nascida no dia 04 de abril de 1962; Rosa Aparecida Costa, nascida no dia 7 de dezembro de 1963; Antônio Geraldo da Costa, falecido quando criança; Salvador Geraldo Costa, nascido no dia 30 de outubro de 1967; Lúcia Perpétua da Costa, nascida no dia 22 de março de 1969; Marta do Carmo Costa Oliveira, nascida no dia 19 de setembro de 1970; Aparecida Ana Costa Oliveira, nascida no dia 20 de outubro de 1971; e Adriana Márcia Costa Lopes, nascida no dia 31 de dezembro de 1976.

O dia três de setembro de 2001 amanheceu com ar tristeza e de repente um doloroso baque abateu sobre a família, quando se chegou a notícia do bárbaro assassinato do senhor Juquita cometido por um andarrilho que tirou-lhe a vida para roubar uma marmita e seu celular. A dor e a indignação tomou conta de toda a família, mas a fé em Deus fizeram com que superassem o momento difícil.

Dona Aurora, vive hoje a áurea de seus oitenta e quatro anos, mas dona de uma memória formidável, simpatia e carisma invejável. Ao todo teve 12 partos, sendo que 10 filhos que sobreviveram à idade adulta, soma 18 netos (dois em memória), 7 bisnetos e possui muita história para contar. Sinto muito orgulho dessa heroína que posso dizer ser a única avó que me resta, pois tive a felicidade de casar-me com uma de suas netas. Receba minha homenagem que com carinho e admiração faço através destas linhas.

Fale com o autor:  
professorluismelo@gmail.com

MELO, Luís Augusto Júnio. Aurora da Cunha: 84 anos de muito amor, fé e resignação. **Alto S. Francisco**. Piumhi, ano 102, 21 maio 2023. Memória Piumhiense, p. 2.



# O 13 de Maio e o fim da escravidão em Piumhi

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

Era para ser uma data magna, mas quis o destino que fosse ela relegada ao esquecimento da memória do povo brasileiro, isto em relação a outras datas comemorativas, consideradas de maior valor, por terem sido transformadas em feriados nacionais. O dia a que me refiro virou nome de rua em Piumhi: Treze de Maio. Entretanto, poucos ou quase nenhum piumhiense de hoje sabe o motivo dessa data ter sido reverenciada no nome de uma das ruas centrais de nossa cidade. O motivo está ligado ao fim da escravidão no Brasil formalizado pela Lei Áurea (Lei de Ouro) assinada pela Princesa Izabel no dia 13 de maio de 1888. O esquecimento dessa data importante não foi mero acaso do destino como sugeri de forma irônica no início da crônica, mas ao que parece ter sido construído de forma proposital pelos republicanos que mudaram o regime em 15 de novembro de 1889, pois desdenhavam e desvalorizavam tudo que era típico e que fora produzido pela monarquia brasileira.

Plagiando a máxima do processo de abertura democrática após o regime militar (1964/1985) podemos dizer que abolição da escravidão no Brasil seguiu a dinâmica do “Lento, gradual e seguro”. Isso porque o processo foi iniciado em 1850 com a assinatura da Lei Eusébio de Queiroz, pela qual se proibia a vinda de escravos africanos para o Brasil. A partir de então a monarquia se viu pressionada por dois grupos: os abolicionistas que tinham o apoio dos ingleses e os escravocratas que defendiam a manutenção da escravidão justificando a suas pretensões no fato de evitar o colapso econômico do país. Diante desse grave embaraço o governo imperial concedia concessões aos abolicionistas, mas sem acabar de vez com a escravidão: Lei do Ventre Livre, Fundo de Emancipação e Lei dos Sexagenários são exemplos dessas concessões. Hoje é muito fácil julgar Dom Pedro II por não ter acabado com a escravidão logo de uma vez, mas quando a analisamos a questão de forma mais profunda, sabe-se que não lhe restava outra opção a ser segui-

da, senão a que foi escolhida.

O projeto da lei do Ventre Livre foi proposto pelo Visconde de Rio Branco em 23 de maio de 1871. Depois de muitas discussões viu-se aprovada em sessão derradeira pelo Senado Imperial no dia 28 de setembro de 1871. Publicada na mesma data, a lei entrou em vigor, surgindo uma questão complexa: como saber que seria beneficiado pela lei, se naquela época não existia Registro Civil? Foi estabelecida a orientação de que as Paróquias, responsáveis pelos registros, deveriam fazer o registro dos batizados dos filhos das escravas nascidos após a data da lei em livro próprio, a fim de se manter o desejado “controle”. A Paróquia Nossa Senhora do Livramento tem em seu acervo um livro destes que se inicia em fins de 1871 e termina em 1885.

O controle era muito rigoroso. Esse livro traz interessantes revelações sobre a escravidão em Piumhi. O escravo José, filho ‘natural de Maria Magdalena crioula escrava de José Machado de Faria e Mello’, foi o último cativo nascido em Piumhi, simplesmente por ter nascido 9 dias antes da decretação da Lei do Ventre Livre (Livro de Batizados Nº. 5, Fls. 28). A primeira pessoa, em Piumhi, a se beneficiar com a regra imperial foi Rita filha de Adão e Juliana Crioulos, escravos de João Theodoro de Almeida e seus filhos, nascida a 15 de outubro de 1871, sendo a mesma batizada no dia 24 de dezembro do mesmo ano. No registro consta a seguinte anotação ‘cujo nascimento sendo posterior a Lei da Emancipação, foi a mesma batizada como livre’ (Livro dos Batizados Nº. 5, Fl. 32V).

Em 24 de maio de 1887, pouco menos de um ano da abolição da escravidão, a cidade de Piumhi contava com 2.097 escravos. Incluía nessa contagem os cativos que viviam na sede do município e nos distritos de



Em maio de 1887 Piumhi contava com 2.097 escravos

São Roque, Pimenta, Capitólio e Dorésópolis. A título de comparação Pitangui possuía 2.931, Araxá 2.063, Campo Belo 744, Formiga 2.933 cativos. Dessa forma, o contingente cativo de Piumhi tinha um expressivo número o que pode ser justificado em dois fatores: a grande extensão territorial do município e a sua vocação agrícola que dependia muito da mão de obra escrava. Esse número certamente até o dia 13 de maio de 1888 sofreu alterações em decorrência do falecimento de cativos, alforrias por caridade dos senhores e pelos efeitos da lei dos sexagenários, mas nos permite ter uma ideia da quantidade de pessoas que foram beneficiadas pela Lei Áurea em nossa cidade.

A historiografia atual questiona muito a questão da escravidão, abolição e suas relações no mundo imperial e republicano. Apesar de acreditar que a História é escrita e reescrita sob perspectivas e interpretações diferentes, não deixo de ver essa “ala revisionista historiográfica” com olhar de desconfiança. Contudo é indiscutível que a Lei Áurea prestou um importante serviço à humanidade, pois mais do que a liberdade ela elevou os ex-escravos à condição de humanos, ainda que essa humanidade não significava a garantia de propriedade, cidadania, voto e participação ativa na vida política do país. Em Piumhi ‘Treze de Maio virou nome de rua, mas pouca gente sabe de sua relação com fim da escravidão...

Fale com o autor:  
professorluismelo@gmail.com



Rotary Club de Piumhi; 55 anos de fundação

# ‘As lutas e as dificuldades iniciais não foram poucas’

ACERVO DO ALTO



Em sua edição que circulou no domingo, 12 de setembro de 1968, o ALTO registra a visita do governador do Distrito 458 Vasco Lauria, na foto à esquerda, que entrega a carta constitutiva aos então presidente e vice presidente do Rotary de Piumhi Gilson Teixeira e Antero Viotti Chagas de Magalhães

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

O último 30 de maio marcou a passagem dos 55 anos de fundação de uma das mais respeitadas instituições piumhienses, o Rotary Clube de Piumhi. Em linhas simples e resumidas, pode-se entender o Rotary Clube como uma associação de clubes de serviços cujo objetivo declarado é unir voluntários a fim de prestar serviços humanitários e promover valores éticos e a paz a nível internacional. O primeiro clube rotariano foi fundado em 23 de fevereiro de 1905, em Unity Building, Chicago, Illinois nos Estados Unidos da América, por Paul Percy Harris com o lema “Servir para transformar vidas” e daí se espalhou para o mundo todo chegando em Piumhi no ano do centenário da cidade, isto é, em 1968. Estima-se que atualmente existem mais de 34 mil clubes Rotary no mundo, com cerca de 1,3 milhões de membros, chamados rotarianos que se destacam na sociedade em que atuam como verdadeiros agentes promotores da caridade e da dignidade humana.

O povo piumhiense sempre foi caridoso e compassivo com a dor alheia e a maior prova disso a existência de inúmeras instituições que se dedicam a caridade, promoção humana e a filantropia se mantendo praticamente com doações da própria comunidade. Foi esse espírito de solidariedade que motivou a união de um grupo de piumhienses para promoverem a fundação do Rotary Clube em Piumhi. Lideranças da comunidade engajados no projeto de criação de tão nobre instituição em nossa cidade e na prática da caridade passaram a manter contato com membros do Rotary de Formiga.

O objetivo dessas conversações era tomar conhecido de como a instituição funcionava e o que era necessário para trazê-la para Piumhi. Deste modo o Rotary de Formiga acabou se transformando em padrinho da instituição piumhiense. Rômulo Badinhani, uns dos fundadores

da Rotary de Piumhi, descreveu em publicação de 19 de maio de 1983, como se deu a reunião a participação dos piumhienses em uma reunião em Formiga: *“se deu num ambiente de muita emoção e de grande expectativa, pois ali estávamos nós, trinta e quatro elementos atuantes nas diversas áreas de nossa comunidade, convidados a participar daquela reunião e creio que a maioria, ávidos de saber e conhecer mais de perto o que seria o Rotary, coisa que muitos de nós nunca havíamos nem sequer ouvido falar a respeito. A reunião transcorreu num ambiente animado e de empolgação e após as preleções daqueles que seriam nossos futuros companheiros, partimos dali com a ideia fixa de criar em nossa terra um clube de serviço, que se propusesse dentro daqueles princípios de servir, a ser futuramente uma estrela brilhante do Distrito 456 na grande constelação do Rotary Internacional”*.

Na mesma publicação Badinhani destacou que: *“As lutas e as dificuldades iniciais não foram poucas, não tão somente pelo desconhecimento do que o Rotary haveria de representar para cada um de nós, mas especialmente pelas críticas destrutivas de espíritos menos lúcidos e mais derrotistas, que chegaram inclusive a profetizar a morte do nosso Rotary, antes mesmo de seus primeiros passos”*.

Com o conhecimento necessário, 34 piumhienses decidiram levar adiante o projeto e fundaram, no dia 30 de maio de 1968, o Rotary Clube de Piumhi. Segue o rol dos 34 fundadores: Álvaro Moreira da Silva, Amâncio Cassini Neto, Araújo Mota Brito, Arthur Rodrigues da Costa, Antero Lafaiete Chagas Magalhães Viotti, Bossuet Costa, Clodoaldo Lima Arantes, Dantas Leite de Melo, Estanislau Alvarenga Neto, Flávio Soares Ferreira, Gilson Teixeira de Abreu, Homero Arantes, João Antônio Gatti, José Alvarenga, José Alves da Costa (Zé Gabriel), José Au-

gusto de Almeida Filho, José Basílio, José da Costa Moura, José Firmino Filho, José Moreira Guimarães Filho, José Goulart, Leopoldo Armando Ramos, Leonel Gonçalves Filho, Mauro Leite Praça, Maurício Braz da Silva, Nello Badinhani Almada, Paulo Polcaro Goulart, Querobino Mourão Filho, Roldão Soares, Rômulo Badinhani, Ronaldo Soares Lara, Raphael Ferreira Bello, Theodorico Vieira de Souza e Willian da Costa Moura. Foi eleito como primeiro presidente do Rotary Clube de Piumhi o rotariano Gilson Teixeira de Abreu. O Rotary de Piumhi, conseguiu a sua Carta Constitutiva em 13 de junho de 1968. O documento significava o seu reconhecimento internacional.

Com o passar do tempo a instituição perdeu alguns membros e ganhou outros, se consolidando como uma sólida instituição internacional de ajuda humanitária em nossa cidade. Sua sede atual foi construída na antiga praça Gustavo Pena, doada pela Prefeitura. Quando da fundação do Instituto Perfil de Educação, o Rotary cedeu sua sede para que a escola entrasse em funcionamento, permanecendo assim até a construção da sede própria da escola.

O Rotary Clube de Piumhi, hoje se consagra como uma importante instituição de caridade de nossa cidade e conta com representantes de quase todas as categorias profissionais. Atualmente sob a presidência de Luís Henrique da Silva segue a instituição nos seus passos iniciais de servir, ajudar, aplainar os caminhos de humanidade sofrida, lutar pela justiça e boas causas que visam o aprimoramento do ser humano. Na sua administração inicia-se um trabalho de resgate da história da instituição narrando seus 55 anos de luta em favor de um mundo mais justo e humano. Parabéns ao Rotary e seus membros pela passagem do seu 55º aniversário de fundação em Piumhi.

Fale com o autor:  
professorluismelo@gmail.com



# João Sabino da Paixão

## Peão de Burros, tropeiro, barqueiro no São Francisco, três casamentos e quatorze filhos

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

Tendo em vista o lançamento do livro *‘Família Sabino da Paixão: Um breve relato histórico e genealógico’*, ocorrido no dia 10 de junho em Medeiros, narro na crônica de hoje alguns apontamentos da biografia de um dos personagens principais da obra: João Sabino da Paixão. A obra foi resultado da parceria do autor dessas linhas com Maria Amélia da Paixão Weatherby, atualmente residente nos Estados Unidos da América.

João Sabino da Paixão era filho de Francelino Ferreira da Paixão e Maria Amélia da Paixão, casados em Formiga em 5 de fevereiro de 1877. Nasceu naquela mesma cidade no dia 30 de dezembro de 1877 e foi batizado na Matriz de São Vicente Férrer no dia 29 de janeiro de 1878, tendo como padrinhos Francisco Ferreira da Paixão e Maria Ignácia Carolina.

Com três anos de idade, entre 1880 e 1881, migrou com sua família para o distrito de Perobas, então, um apêndice geográfico do município de Piumhi. Em Perobas, Francelino e Maria Amélia tiveram mais três filhos: Izolina Amélia da Paixão que posteriormente se casaria com o Coronel Juca de Castro, José Francelino da Paixão (Juca Baía) que se casou com dona Isolina da pensão e Amélia falecida quando criança após cair no tacho de fritura de porco. Mudaram para Perobas talvez em busca de um lugar mais sossegado, mais tranquilo ou que pudesse oferecer melhores rendimentos com trabalho. No entanto, mal sabiam que essa decisão seria terrível para a história daquela família: Francelino morreria assassinado por um desafeto de seu filho João Sabino em 27 de março de 1898 na estrada que ligava o arraial de Perobas a Fazenda dos Coqueiros.

O processo que apura a morte de Francelino narra que na mocidade, João Sabino da Paixão se envolveu em um conflito com José Augusto da Costa Lopes, conhecido como Augustinho. Nesse conflito, João Sabino teria desferido contra o seu desafeto algumas pauladas (porretadas para ser mais exato) e o ofendido, desmoralizado publicamente, teria jurado vingança, a qual ocorreu através do assassinato a tiro de Francelino Ferreira da Paixão, pai de João Sabino. Segundo, a tradição familiar, João Sabino teria esperando completar a sua maioridade, que naquela época era de 21 anos, para vingar a morte de seu pai. Da mesma forma que seu pai foi morto com um único e certo tiro, João Sabino despachou Augustinho para o mundo dos mortos. João Sabino foi processado, julgado e condenado pelo crime. Cumpriu pena no presídio de Piumhi e depois retornou ao arraial de Perobas. Infelizmente, não conseguimos acesso ao processo para entender a minú-

cias do fato, mas localizamos uma publicação no Alto S. Francisco em que o próprio João Sabino da Paixão narra parte do julgamento: *‘Aniversário -- Esteve em visita a nossa redação o snr. João Sabino da Paixão, que veio lembrar-nos de um fato da história da cidade: a inauguração, há sessenta anos atrás, no dia 21 de dezembro de 1898 do Fórum de Piumhi, no prédio em que funciona a Colletoria Estadual. Esclareceu-nos o sr. João Sabino ter ele um motivo especial para recordar-se do acontecimento com minúcias e nitidez retentiva: coube-lhe importante papel na sessão inaugural, respondendo ele ao primeiro Júri que ali se enfrentou. O Juiz era o dr. Santos, o seu defensor o advogado Antero Torres. João Sabino Paixão, contava, naquele tempo, 21 anos’.*

João Sabino da Paixão sabia ler e escrever, privilégio de poucos naquela época. Amava a vida no campo e foi peão de burros por 36 anos, barqueiro no Rio São Francisco e tropeiro. Conduzia muitas tropas de burros e cavalos para o *‘Sertão dos Goiás’* e contava causos e histórias das pousadas, das dificuldades e obstáculos como a transposição de rios caudalosos com suas tropas, muitos superados pela fé. Não fumava e não bebia e era muito correto, bravo e sistemático. Sabia das coisas até por intuição e dava bons conselhos. Amava a sua família e considerava ela seu bem maior.

João Sabino casou-se pela primeira vez com Maria Cândida de Oliveira, conhecida como Sinhá. O casamento ocorreu no distrito de Perobas no dia 21 de agosto de 1901. Ele com 23 e ela com 16 anos, filha de Cândido Gomes de Oliveira e Maria Joaquina de Jesus. Ela faleceu em Perobas no dia 10 de setembro de 1907 de *“morte violenta e causa ignorada”*. O casal não teve filhos. Há quem diga que João Sabino da Paixão esteve diretamente envolvido na morte de sua primeira esposa, no entanto, nada pode ser comprovado documentalmente. A causa do envolvimento teria sido a promessa de seu rico patrão Belchior Pedrosa de que se fosse ele desimpedido ao casamento daria sua filha Jorcelina em casamento. João não pensou duas vezes e teria apressado a morte de sua primeira esposa.

Após a precoce morte de Sinhá, João Sabino da Paixão se casou novamente com Jorcelina Ferreira Pedrosa, conhecida como ‘Jorça’, a filha do patrão rico. O casamento ocorreu em Perobas no dia 22 de janeiro de 1908, isto é, quatro meses e doze dias após o falecimento de Sinhá. Ele 30 anos e viúvo e ela com 20 anos, natural de Pimenta, filha de Belchior Ferreira Pedrosa e Maria Carlota da



João Sabino e sua terceira esposa Dª Maria Salomé

Silveira. Dona Jorça, segunda esposa, de João Sabino da Paixão faleceu em Bambuí em 14 de janeiro de 1930 e conforme o atestado de óbito a causa do falecimento teria sido *‘envenenamento e depressão pós-parto’*. Dessa forma, a segunda esposa de João Sabino da Paixão também morre em situação suspeita. O casal teve nove filhos: José Sabino da Paixão (Juca Sabino); Maria Carlota da Paixão; Nair; Belchior Sabino da Paixão; Amélia da Paixão Silva; Juvenal, Sylvia Paixão Gaspar; Oel Sabino da Paixão e Juscelina.

Após a morte de Jorça, João Sabino se casaria pela terceira e última vez, aos 64 anos de idade. A noiva escolhida foi com Maria Salomé (Lola), 19 anos, filha de Acácio da Silva e Maria Salomé. Havia 45 anos de diferença de idade entre os noivos. O casal teve cinco filhos: João Sabino (João da Lola); Maria Lúcia da Paixão; Alfa Maria da Paixão; Ismael Sabino da Paixão e Maria Amélia da Paixão Weatherby.

João Sabino sentindo o peso da idade e que a morte se avizinha tratou de fabricar seu caixão. Escolheu a madeira e entalhou o caixote de sua mortalha que muitos anos ficou guardado sobre a trava de madeira de uma casinha de despejo. O tempo foi passando, e por erro de cálculo a madeira foi carcomida por insetos e o sinistro instrumento teve que ser reformado por José Napoleão quando precisou ser usado. Deixou roupas e instruções para seu funeral exigindo que fosse sepultado em Perobas e que não fosse *‘que o jogasse numa vala’*.

João Sabino morreu em Piumhi no dia 4 de fevereiro de 1960, aos 82 anos de idade, tendo como causa morte neoplasia gástrica e caquexia, conforme atestado de óbito firmado pelo Dr. Oswaldo Soares Machado. Deixou a viúva Maria Salomé que lhe sobreviveu até 13 de março de 1974, quando faleceu de insuficiência cardíaca. Há quem diga que João Sabino era jagunço, mas isso não era verdade, pois de fato sabemos que ele apenas resolvia os seus problemas mesmo que fosse na bala. João Sabino da Paixão um personagem irreverente que fez parte da nossa história.

Fale com o autor:  
professorluismelo@gmail.com

MELO, Luís Augusto Júnio. João Sabino da Paixão: peão de burros, tropeiro, barqueiro no São Francisco, três casamentos e quatorze filhos. **Alto S. Francisco**. Piumhi, ano 102, 11 jun. 2023. Memória Piumhiense, p. 2.



# D<sup>a</sup> MARIA SERAFINA DE FREITAS (I)

Professora, diretora, inspetora escolar e autora do método de alfabetização ‘Circo do Carequinha’

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

ACERVO DO AUTOR

Dona Maria Serafina de Freitas nasceu no dia 9 de novembro de 1916, na comunidade rural dos Farias, à época município de São Roque de Minas, hoje pertencente a Piumhi. Seus pais eram Francisco Augusto de Freitas e Maria Delfina do Espírito Santo, casados na Matriz de Nossa Senhora do Livramento de Piumhi, no dia 4 de dezembro de 1909. O casal não teve outros filhos. Na sua infância, morou em outras comunidades rurais, na companhia de seus pais e avós. Em 1921, transferiram residência para o Distrito de Dorésópolis, também município de Piumhi.

Teve contato com as letras, por meio dos professores que passavam nas fazendas onde moraram. Dona Maria Delfina tinha o sonho de que a filha fosse professora e trabalhou muito para que isso tornasse realidade. Naquela época a profissão de professora era respeitada e admirada pela sociedade. Apesar da falta de recursos e das dificuldades da vida, Dona Maria Delfina conseguiu comprar uma padaria rústica. À noite, enquanto esperava os pães crescerem, para colocar no forno, costurava, na esperança de conseguir meios para a realização de seu ideal. Infelizmente, a matriarca não teve a oportunidade de ver o sonho realizado, pois a morte lhe colheu em 1925, deixando a filha, Maria Serafina, órfã de mãe aos oito anos de idade.

Diante da triste e inusitada situação, aquela pequena e inteligente menina se viu obrigada a ir morar com parentes de seu pai em São Roque de Minas. Nessa cidade, cursou a 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> séries primárias. Em 1929, estudou no Grupo Escolar “Dr. Avelino de Queiroz” (hoje Escola Municipal “Dr. Avelino de Queiroz”), onde concluiu seus estudos primários.

No dia dos exames finais, um dos examinadores, encantado com a sabedoria, habilidades e desenvoltura daquela moçinha de treze anos de idade, ofereceu lhe uma bolsa de estudos para o curso de magistério na Escola Normal Dr. Francisco Campos de Piumhi, fundada pelo juiz de Direito Dr. Francisco de Paula Rebelo Horta com o apoio de outros colaboradores. Diante da oferta, Dona Maria Serafina, sentiu que a



D<sup>a</sup> Maria Serafina de Freitas por ocasião de sua formatura na Escola Normal Dr. Francisco Campos em 1934 com louvor em todas matérias

sua mãe estava lhe ajudando a realizar o sonho que ela tanto acalentara. Frequentou esta escola de 1930 a 1934, quando se formou com louvor em todas as disciplinas e matérias.

Iniciou a sua carreira no magistério, dando aulas particulares até que no dia 8 de julho de 1937, foi nomeada como professora primária por ato do governo do Estado, entrando em exercício na Escola Estadual Dr. Avelino de Queiroz (hoje municipalizada). Trabalhou nessa escola e na Escola Estadual Josino Alvim (também municipalizada), por 14 anos, como professora regente de classe. Tinha uma especial habilidade na arte de ensinar, certamente decorrentes do equilíbrio entre a calma, a rigorosidade e do profundo conhecimento de didática.

Em 13 de junho de 1942, Dona Maria Serafina casou-se, na Matriz de Piumhi, com Oliveiros Rodrigues da Silva, nascido em Piumhi, no ano de 1917, filho de Antônio Rodrigues da Silva e Maria Justina de Oliveira. O marido faleceu e o casal não teve filhos.

Aos poucos, Maria Serafina foi conquistando os colegas e desenvolvendo um espírito de

liderança. Em 1951, foi aprovada em concurso público para a admissão no Curso de Administração Escolar, mantido e oferecido pela Secretaria de Estado da Educação para professores. O curso dava direito para ocupar o cargo de diretor, supervisor escolar ou inspetor escolar. Frequentou o curso em Belo Horizonte nos anos de 1950 e 1951.

No ano seguinte, em 1952, foi nomeada diretora da Escola Estadual Josino Alvim, permanecendo no cargo até o ano de 1968, quando foi designada para o cargo de Inspetora Seccional de Ensino Primário, função que ocupou até 1970. A partir dessa data, trabalhou na 17<sup>a</sup> Delegacia de Ensino de Passos (hoje 27<sup>a</sup> Superintendência Regional de Ensino) até outubro de 1986, quando se aposentou.

Na próxima edição veremos o mais importante legado de Dona Maria Serafina não só para a educação piumhiense, mas nacional: o método de alfabetização O Circo do Carequinha.

Fale com o autor:  
professorluismelo@gmail.com



Professora, diretora, inspetora escolar e autora do método de alfabetização 'Circo do Carequinha': D<sup>a</sup> Maria Serafina de Freitas (II)

# ‘Agradeço a Deus pelo privilégio de conviver com crianças a quem devo as maiores alegrias de minha vida’

ACERVO DO AUTOR

LUÍS AUGUSTO JÚNIO MELO

Ciente das dificuldades que as professoras passavam no processo de ensino e movida pelo desejo de facilitar a vida das educadoras, lançou três livros de alfabetização: “O Circo do Carequinha” -- Pré-livro; “Circo de Brinquedo” -- Leitura Intermediária e “Mais História do Circo Sapeca” -- 1º Livro de Leitura”, editados no final da década de 1960, mais especificamente em 1968, ano do primeiro centenário de Piumhi. D<sup>a</sup> Maria Serafina publicou os livros pela Editora Vega S/A de Belo Horizonte, tendo a coleção alcançado várias edições, tamanho era o sucesso do método de alfabetização.

Utilizou como temática das obras, o circo, visando transformar o aprendizado em algo atrativo e agradável para as crianças. Os livros foram adotados pela Secretaria de Estado da Educação e representaram um verdadeiro sucesso. Pelo menos três gerações de piumhienses foram alfabetizadas pelo método criado e desenvolvido por D<sup>a</sup> Maria Serafina. Em janeiro de 2005, o empresário Ramiro Júlio Ferreira Júnior, reeditou as obras em caráter comemorativo e honorífico à nossa grande mestra.

Fascinada pelo conhecimento, em 1975, cursou Pedagogia -- Licenciatura Plena, na Faculdade de Filosofia de Passos. Em 1976, cursou também Apostilamento em Inspeção Escolar de 1º e 2º graus, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Guaxupé. Pela mesma instituição, em 1979, cursou Apostilamento em Administração Escolar.

Em 1987, recebeu do Governo do Estado o Certificado e Medalha de Mérito Educacional em reconhecimento aos 49 anos de serviços prestados em favor da educação mineira. Recebeu, em vida, outra importante homenagem do povo de Piumhi, por meio da Câmara Municipal e da administração do prefeito Bossuet Costa, ao

**Dª Maria Serafina cercada de crianças: uma vida dedicada à Educação**

ser sancionada a lei nº 635, de 10 de outubro de 1974, que deu à Biblioteca Pública Municipal o nome de “Maria Serafina de Freitas”.

Com um currículo extraordinário, D<sup>a</sup> Serafina, recebeu o convite do então prefeito Dr. José Garcia Pereira, para ocupar o cargo de secretária Municipal de Educação de Piumhi, exercendo a função com sabedoria e maestria entre os anos 1989 a 1992.

Encerrada a sua missão como secretária Municipal de Educação, passou, a partir de 3 de fevereiro de 1993, a trabalhar como voluntária na APROMIP (Associação de Proteção à Maternidade, à Infância e à Adolescência de Piumhi). Permaneceu nessa função enquanto sua saúde permitiu. D<sup>a</sup> Maria Serafina dizia: “Agradeço a Deus pelo privilégio de conviver com crianças a quem devo as maiores alegrias de minha vida”.

Em 2009, Dr. Nelson Soares de Melo, ex-aluno do antigo Grupo Escolar Josino Alvim, juntamente com algumas também ex-alunas da mesma escola, sabendo que D<sup>a</sup> Maria já passava dos 90 anos, procurou-a e pediu-lhe para que se deixasse ser filmada, dando uma aula para professoras, explicando o seu método de alfabetização. O objetivo era guardar para a posteridade sua imagem e a prática de seu método de alfabetização que a qualquer momento poderia ser adotado novamente.

A princípio, ela relutou,

alegando que já não conseguiria mais dar essa aula. Dias depois, Dr. Nelson recebeu um chamado de D<sup>a</sup> Maria Serafina concordando em dar a aula, mas com uma condição: que seu amigo e colega de infância estivesse presente. Era Altamiro da Costa Faria, pai do José Natal. Assim foi feito. Ela deu uma maravilhosa aula que foi filmada e está de posse de Dr. Nelson, além de algumas cópias que foram distribuídas.

Dr. Nelson, também rotariano, reportou-nos outra importante homenagem que D<sup>a</sup> Serafina recebeu. Ela foi condecorada pelo Rotary Internacional com a comenda “Título Paul Harris”. Essa homenagem é conferida pelo RI às personalidades que contribuam substancialmente ao bem da humanidade e à harmonia entre as nações.

D<sup>a</sup> Maria Serafina de Freitas faleceu em Piumhi, aos 94 anos de idade, em 23 de agosto de 2011. A população compareceu em peso aos funerais para se despedirem daquela que dedicou sua vida para as crianças de nossa cidade. Foi sepultada no Cemitério da Saudade, deixando um vazio na sociedade e na alma piumhiense. Lamentavelmente não foi decretado luto municipal e, absurdamente, as escolas funcionaram normalmente, privando muitos educadores de se despedirem e homenagearem a grande mestra.

**Fale com o autor:**  
**professorluismelo@gmail.com**